



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE PEDAGOGIA

CATARINA SAMPAIO DOS SANTOS

**OS SENTIDOS DA ALFABETIZAÇÃO PARA OS SUJEITOS NÃO
ALFABETIZADOS OU POUCO ESCOLARIZADOS DO BAIRRO CAJUEIRO EM
AMARGOSA-BA**

AMARGOSA-BA

2023

CATARINA SAMPAIO DOS SANTOS

**OS SENTIDOS DA ALFABETIZAÇÃO PARA OS SUJEITOS NÃO
ALFABETIZADOS OU POUCO ESCOLARIZADOS DO BAIRRO CAJUEIRO EM
AMARGOSA-BA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB/ Centro de Formação de Professores- CFP, como requisito para obtenção do título em Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dra. Maria Eurácia Barreto de Andrade

AMARGOSA-BA

2023

CATARINA SAMPAIO DOS SANTOS

**OS SENTIDOS DA ALFABETIZAÇÃO PARA OS SUJEITOS NÃO
ALFABETIZADOS OU POUCO ESCOLARIZADOS DO BAIRRO CAJUEIRO EM
AMARGOSA-BA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB/Centro de Formação de Professores - CFP, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora.

Aprovado em 31/0/2023

Maria Eurácia Barreto de Andrade

Professora Dra. Maria Eurácia Barreto de Andrade (Orientadora)

Doutora em Educação pela Universidade Americana (UA)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Professor Dr. Djeissom Silva Ribeiro (Examinadora)

Doutor em Educação pela (UNESP – Marília)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Gilselia Macedo Cardoso Freitas

Professora Dra. Gilselia Macedo Cardoso Freitas (Examinadora)

Doutora em Educação pela Universidade Del Mar (Udel Mar/ Chile)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Dedico este trabalho aos meus pais em memória Eunice Sampaio e ao meu pai de Criação Augusto Ferreira, Também aos meus filhos Carla Sampaio, e Emerson Nunes que muito contribuíram para a realização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentando até aqui, e por me dá a oportunidade de realizar um lindo sonho e sorrir. Para isso, colocou pessoas ao longo da minha trajetória que muito contribuíram para esse dia da vitória foi minha, foi painho os dois *in memórian* que primeiro me ensinaram que “Bebe Grande Não Chora”. Agradeço com saudades neste momento de agora.

A Emerson e Carla meus dois filhos queridos, que sempre me deram apoio, ajuda e compreensão, Haylla minha neta, pelo seu carinho e dedicação, e a Anderson minha gratidão.

A José Wilker meu menino que muito me ajudou, digitou o meu trabalho com carinho e muito amor, quando eu lhe perguntei se ele podia digitar não pensou duas vezes vamos logo começar.

Agradeço aos colegas que me receberam com alegria, entre eles, Aline Amorim, Maurício (Bigu), Maria da Conceição, Thais e Thalía. Que me deixaram na leveza com tanta delicadeza eu me sentia mãe daquela turma concerta.

Agradeço à pró Maria Eurácia por ter me acolhido com amor, aceitou ser minha orientadora o seu tempo e conhecimento dedicou. Tranquilidade, apoio e paz para mim ela passou.

Agradeço aos professores Djeissom e Gilselia que com carinho aceitaram compor a banca examinadora para dá seu parecer no que eu iria escrever, pois quando os conheci no decorrer do curso decidi: são os três, meus Senhor! Maria Eurácia orientadora, Djeissom e Gilselia na banca examinadora.

Agradeço a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia da minha querida Amargosa com muita simpatia e a todos os professores desta Casa acadêmica que muito me ajudaram com as suas competências, não citarei nomes pra não ser deselegante sintam todos abrandados por essa humilde estudante.

Obrigada a todos!

EPÍGRAFE

O ser humano não precisa ser um sábio

Porém é preciso saber para ser visto como
ser humano.

(Catarina Sampaio)

SANTOS, Catarina Sampaio dos. **Os Sentidos da Alfabetização Para Os Sujeitos Não Alfabetizados Ou Pouco Escolarizados No Bairro Cajueiro Em Amargosa-Ba.** Monografia (Graduação em Pedagogia) Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB/ Centro de Formação de Professores – CFP, Amargosa-BA, 2023.

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões e problematizações acerca dos sentidos da alfabetização para os sujeitos não alfabetizados ou pouco escolarizados no bairro Cajueiro em Amargosa-Bahia. Sabemos que é de grande importância que os sujeitos sejam e estejam alfabetizados, além disso, é um direito preconizado pela constituição, mas infelizmente ainda hoje temos pessoas que sofrem por não terem tido a oportunidade de frequentar uma escola e se alfabetizarem. Assim, esta pesquisa se debruça sobre esta temática com o objetivo de compreender os sentidos do apreender ler e escrever para as pessoas não alfabetizadas ou pouco escolarizadas do Bairro do Cajueiro do Município de Amargosa-BA. No âmbito metodológico a pesquisa se caracteriza como de abordagem qualitativa e de campo, tendo, como colaboradoras da pesquisa dois moradores do bairro Cajueiro em Amargosa-bahia. Os dados foram produzidos a partir de entrevista semiestruturada. Priorizamos o aporte teórico os estudos de Arroyo (2011) e Freire (1995; 2002) entre outros que contribuíram para reflexão da temática. Os resultados apontam trajetórias sofridas pelos colaboradores, mas que não se vitimizam por suas histórias de privações, ao contrário, mostram-se fortes para enfrentar os desafios, apenas lamentam as oportunidades que lhes foram negadas por não ter o direito garantido da alfabetização. Destacam a importância da alfabetização para a vivência social, principalmente para a promoção de melhor qualidade de vida e participação social.

Palavras-Chaves: Educação de Jovens, Adultos e idosos, Alfabetização, trajetórias, sentidos da alfabetização

LISTA DE ABREVIATURA

PNAD - Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

CFP - Centro de Formações de Professores.

EJA - Alfabetização de Jovens e Adultos.

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização.

CEAA - Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos.

UNESCO - Organização das Nações Unidas Para a Educação Ciências e Cultura.

CNER - Campanha Nacional de Educação Rural.

MEB - Movimento Educação de Base.

CNBB - Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil.

EJAI - Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

CONFITEA - Conferência Internacional de Educação de Adultos.

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano.

PBA - Programa Brasil Alfabetizado.

MEC - Ministério da Educação.

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

PROJOVEM - Programa de Inclusão de Jovens.

SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

PT - Partido dos Trabalhadores.

CENPC - Centro de Estudo e Pesquisa Em Educação, Cultura E Ação Comunitária.

PNE - Plano Nacional de Educação.

SUMÁRIO

O NASCER DA PESQUISA: IMPLICAÇÕES COM O OBJETO	11
1 INTRODUÇÃO: O DESENHO DA PESQUISA	16
2 ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: CONTEXTOS, SENTIDOS E SUJEITOS	21
2.1 Breve recorte histórico da Educação de Jovens e Adultos: fragmentos de uma trajetória marcada por avanços e retrocessos	21
2.2 Os contextos e sujeitos da educação/alfabetização de jovens e adultos e suas trajetórias: entre lutas e enfrentamentos	29
2.3 – A alfabetização para os jovens e adultos pouco escolarizados: quais os sentidos?	34
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	39
3.1 Paradigmas Científicos.....	41
3.2 Abordagem de Pesquisa e dispositivo de produção de dados.....	45
3.3 Locus e Sujeitos da Pesquisa	47
4 ENTRE AS VOZES DOS SUJEITOS E AS TEORIAS ESTUDADAS: TRAJETÓRIAS, SUJEITOS E SENTIDOS DA ALFABETIZAÇÃO	50
4.1 Sujeitos pouco escolarizados e suas trajetórias de vida/escolarização	51
4.2 O aprendizado da leitura e da escrita sob a percepção dos sujeitos pouco escolarizados.....	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFÊRENCIAS.....	66
APÊNDICE	71
ANEXOS	74
Entrevista I	75
Entrevista II	80

O NASCER DA PESQUISA: IMPLICAÇÕES COM O OBJETO

*Eu sou negra e não nego minha cor
Sou um ser tão importante para Deus
meu Criador
Sou única filha de mainha
Que com muita garra me criou
Não conheci papai
O meu grande genitor
Com onze meses de idade
Ele partiu para o Senhor
Ficou eu e mamãezinha
Passando por provações
Até que em nossa vida
Apareceu um grande herói
Aquele que aprendi
A chamá-lo de papai
Ou melhor de painho
E assim eu fui crescendo
Com aquele pai presente
Com muito carinho cuidando da gente.*

*A minha mainha não sabia
Fazer a vogal “O”
Nem no lápis sabia pegar
Só sabia trabalhar e trabalhar
De enxada, catar café
Raspar mandioca e tal
Mas sempre me dizia
Que a menina dos olhos dela eu seria
E escola para mim não faltaria
Promessa dita e cumprida
Aos sete anos fui para escola
Zona rural então
O ABC eu aprendi com dificuldade
Que sensação!
Em seguida vem uma cartilha
Que me deixou descontraída
Só que havia uma frase
Que na minha mente
Ficou retratada
“Bebe grande não chora”
Que desilusão meu camarada!*

*Quem passou a chorar fui eu
Quando no dia seguinte
Minha mãe quem me bateu
Por ler na bendita cartilha
A mesma frase eloquente
Do bebe que não chora
Porque quem chora é a gente
O meu painho foi chegando
Aquele cena presenciou
Com muita fúria indagou
- “Tu já viu um burro ensinar outro
mulher?”
Ela não respondeu, e saiu
Foi ai que ele me ensinou
Porque terceira série ele completou
Aquele dia pra frente
Procurei ler diferente
Porém o “Bebe grande” jamais
Saiu da minha mente.*

*Aquele ano se passou
Para outra escola eu fui
Procurando sempre melhorar
Para não ter que apanhar
Porque na cabeça de mainha
Era fácil aprender
Eu desejava ver ela naquele banco
sentar
Pra saber, que ler e escrever
Era difícil captar
Na zona rural eu passei
Por cinco escolas ou seis
Foi Ceci, Beatriz, Joalice, Judite
As outras duas professoras, não sei
Tem aquelas que ficam no coração da
gente
Para sempre ser lembrada de outrora
Por nossa caminhada a fora.

Viemos para a cidade
Veja só que estupidez*

*Era pra ser segunda série
Na terceira me matriculei
No colégio que era das freiras
Só meninas estudavam lá
Dirigido pela irmã Maria Marta
Uma ótima professora encontrei lá
Maria Bonfim ou Morena
Com carinho era chamada
Que pegou no meu pé
Naquela nova jornada
Consegui ser aprovada
Com muito tropeção
Para não ter que apanhar
De bainha de facão
Por fazer mainha passar
Por uma grande decepção
Quando ela falou segunda série
Eu respondi terceira então
A surra foi prometida
Por essa grande confusão.*

*Para o Almeida Sampaio
Eu fui
Cursar quarta série então
Encontrei no meu caminho
Outro anjo meu irmão
Joseny Cajado é o nome dela
Que passei a viver com ela
Uma nova expiração.*

*Quinta série que alegria
Para o colégio ACM eu fui
Hoje Santa Bernadete
Com muita garra e luz
Quatro anos lá fiquei
Com professores diferentes
Eu tinha uma enorme timidez
Dos colegas muitas críticas encontrei
Por vir da zona rural
Fui quase um mascote
No ensino, hoje chamado fundamental.*

Terminando a oitava série

*Para o Pedro Calmon ingressei
Queria fazer o magistério
Porem com painho me decepcionou
Fez me matricular em técnica em
contabilidade
Muito triste eu fiquei
Pois queria ser professora
Foi o que eu sempre sonhei
Mas ele foi interrompido
Pelo painho que tanto amei.*

*Mais três anos estudando
Para fazer feliz painho um dia
No ano de concluir
O seu destino aqui findaria, que ironia!
Não teve a felicidade de ver a sua filha
Técnica em contabilidade
Um terrível AVC fez ele falecer
E ficou eu e mainha
Mas uma vez sozinha
Sem ter o que comer.*

*Fui procurar emprego
Difícil encontrar
Entre muitos desenganos
O prefeito fui procurar
Perguntou minha formação
Respondi: Contabilidade
Ele olhou para mim então
E respondeu com toda sinceridade
Não posso te ajudar
Se fosse para professora
Uma cadeira, eu lhe daria agora
Pra você lecionar.*

*Voltando triste para casa
Muito desiludida
Sem ter o que fazer
Não achava uma saída
Falei para mainha
Magistério quero fazer
Ela sorriu contente
Daquele dia pra frente*

O meu sonho reviveu
E em dois anos
A formatura aconteceu.

Eu cheia de orgulho
Por ter feito o que queria
Agora eu era professora
Meu Deus que alegria!
Me chamaram pra ensinar
Para zona rural eu voltaria
Como professora agora
Não para estudar
“Bebe grande não chora”.

Distrito Diógenes Sampaio
Cinco anos eu ensinei
Quando tive que parar
Por mainha doente ficar
Sendo eu filha única
Dela tinha que cuidar
Ela já aposentada
Pra gente não faltava nada.

Eu já tinha dois filhos
Que Deus me presenteou
Emerson e Carla minhas vidas
Que me orgulho em falar com amor
A vida continuava
E mainha melhorava
Eu resolvi prosseguir
A minha longa caminhada.

Em 2011 em Análise Clínicas me
matriculei
Mas um grande desafio
No CETEP encontrei
Enfrentei com muita garra
E a Deus me apeguei
Mas um curso técnico
No currículo acrescentei.

Assim, em 2012 no ENEM eu me inscrevi

Para alcançar um sonho
De uma faculdade concluir
Sendo eu a primeira
A única das primas carnais
Numa faculdade ingressar
Em física fui navegar
Eu e minha filha Carla
Com muita força e garra
Mas meus sonhos foram interrompidos
novamente
Mainha ficou doente
Eu tive que trancar
E ainda um professor opressor
Me fez no hospital parar.

Agora foi um AVC
Que mais uma vez vem atormentar
A vida de mainha
Que ficou cinco dias sem falar
E sequelas lhe deixou
Sozinha não podia ficar
Ela foi melhorando e feliz eu fiquei
Em dois mil e quinze
O ENEM novamente tentei
Conseguir pontuação
Em pedagogia optei.

Porém não fui chamada
Entristecida eu fiquei
Mas Deus já preparava
O momento outra vez
A mainha foi-se embora
Derrotada me achei
Naquele instante perdi meu chão
A amiga companheira, de uma vida
inteira
Havia me deixado naquela estação.

Minha filha já cursava
Filosofia que confusão
De Física para Filosofia
Quinto semestre fazia
Em dois mil e dezessete

*Foi chamada para Pedagogia
Eu que esperava
Oh meu Deus que agonia!
Ela então me perguntou
O que ela prosseguia?
Filosofia x Pedagogia
Então eu lhe respondi
Com grande sabedoria
Seu coração é seu mestre
Da vida inteira minha "fia".*

*Final de ano chegou
Viajamos para Salvador
Sem que eu percebesse
A papelada ela levou
Quando um dia pela manhã
Ela falou com alegria
Vou agora em Cruz das Almas
Me matricular em Pedagogia.*

*Iniciaram as aulas em fevereiro
Dois mil e dezessete, ponto um
La foi para o seu primeiro dia
Eu fiquei agradecida
Com o coração cheio de alegria
Por ela desistir de Filosofia
E optar por Pedagogia
Que ironia!
Mais uma professora na família surgia.*

*Uma semana de aula completando
Eu estava em Santo Antônio
Um vizinho visitando no hospital
Quando o celular tocou
Atendi com um temor
Der repente Carla me diz
Pedagogia te chamou
Eu fiquei surpreendida
Sem saber o que dizer
Pois a dois anos esperava
Esse convite acontecer
Para realizar um sonho*

Que na juventude não pude viver.

*No dia seguinte eu fui
Em Cruz das Almas sozinha
Por toda a estrada lembrava
Da minha querida mainha
Que tantas vezes lutou sozinha
Para me ver formada
Pois sabia que eu queria
Numa faculdade ingressar
Mas o trem de sua vida
Foi interrompido, e agora?
Não vamos lembrar juntas da história
De que "Bebe grande não chora".*

*No primeiro dia, olha só o que encontrei
ali
Um colega me pergunta
O que a senhora veio fazer aqui?
Naquele momento eu pensei: e agora?
Será que vai repetir a mesma história
De que "Bebe grande não chora"
Respirei fundo e respondi com
delicadeza
O mesmo que tu, com certeza
Entre naquela sala com determinação
Professor Irenilson Barbosa dando aula,
De Introdução, que sensação!*

*Fui enfrentando o semestre
Com aquela animação
Era grande a timidez
Que doía o coração
Porém com o carinho da turma
Num espaço fui me espalhando
Enfrentar o primeiro seminário
Para mim foi muito estranho
Que me deu dor de barriga
Diante daquela turma querida
Quase eu ia desmaiando.*

*Com a ajuda dos colegas
Eu venci o desafio*

*Terminei, fui tomar água
Porque minha pressão subiu
Porém com o carinho da turma
O ânimo reviveu a mil
E assim fui encarando
O que vinha pela frente
Pensando na mainha
Que queria que eu fosse uma pessoa
reverente.*

*Veio há COVID que muito atrapalhou
De terminar o curso em dia
Meu Jesus que pavor!
Agora chega o momento que a alegria
transborda o coração
Agradecendo ao Pai do céu
Os colegas e professores
Que muito me deram atenção
O carinho e o amor nunca me faltou
É chegado a hora
De me despedir de uma vez
Dizendo muito obrigado
E que Deus abençoes todos vocês.*

GRATIDÃO!

1 INTRODUÇÃO: O DESENHO DA PESQUISA

O aprendizado da leitura e da escrita é direito constitucional para todo ser humano. Nesse sentido o ler e o escrever são portas abertas para um novo horizonte que podem trazer a transformação do mundo pessoal através de práticas cidadãs. A alfabetização de jovens e adultos não requer só saber Gramática, Ciências, ler ou escrever, engloba a vivência e a capacidade de lidar com as situações sociais que envolvem a língua escrita na sociedade nas mais diversas situações comunicativas e o sujeito precisa se preparar para viver no mundo simbólico e grafocêntrico e participar ativamente, contribuindo com autonomia e responsabilidade para o seu desenvolvimento. São muitas as exigências e desafios evidenciados na sociedade, em que os sujeitos precisam adquirir habilidades diversificadas como ler, escrever, interpretar entre outras, para viverem de forma ativa nas suas decisões, sendo de ordem política social ou econômica.

Mesmo sendo um direito constitucional básico, infelizmente há uma quantidade alarmante de indivíduos não alfabetizados. No Brasil existem 11,8 milhões de pessoas não alfabetizadas de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 21 de dezembro de 2017 onde esse contingente representa 7,2 % da população de 15 anos ou mais de idade a chamada taxa de analfabetismo.

O meu interesse em falar sobre esse tema surgiu mediante a convivência com pessoas não alfabetizadas que vivem no Bairro do Cajueiro Município de Amargosa-BA. Ao dialogar com esses sujeitos vi o quanto reclamam por não terem tido oportunidade de frequentar um espaço escolar, outros por não quererem mesmo estudar e tem aqueles que disseram que não estudaram por causa do cansaço, por trabalharem pesado e chegarem sem ânimos para estudar. Diante desses desabafos e por ter concluído a disciplina de Alfabetização para Jovens, Adultos e Idosos com a docente Maria Eurácia Barreto na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de formação de Professores (CFP) o interesse aumentou.

Na convivência com essas pessoas, observei o quanto o saber ler e escrever são fundamentais e essenciais para todos, independentemente da idade, pois muitos desses sujeitos se sentem constrangidos ao chegarem aos estabelecimentos em que solicitam a assinatura do nome e precisam inserir as suas digitais por não saberem assinar ou até mesmo para pegar um transporte sozinho, irem ao supermercado, ao banco e acabam ficando com vergonha de pedirem ajuda, considerando todo o preconceito existente às pessoas não alfabetizadas ou pouco escolarizadas como se fosse culpa por um direito que lhes foi roubado na infância.

Nesse sentido, faz-se relevante refletir sobre o processo de alfabetismo/analfabetismo no país, todo esse histórico cruel e perverso que marca vidas e trajetórias de muitas pessoas jovens, adultas e idosas. Assim, considera-se relevante refletirmos sobre o dia 14 de novembro, o dia nacional da alfabetização, que tem uma data específica no calendário nacional e muitas pessoas não sabem desta data e da sua relevância para o cenário da educação brasileira. Diante disso, faz-se importante pensarmos: como tem sido a alfabetização no Brasil? É algo para se comemorar? A data tem como objetivo conscientizar a população sobre a importância da implantação de melhores condições de aprendizagem.

Diante a fala de Freire, entende-se que o alfabetizando precisa começar sua alfabetização com palavras que façam sentido e que sejam contextualizadas com o seu cotidiano e sua trajetória, onde eles possam entender e descobrir os sentidos e significados do que estão apreendendo.

O processo de alfabetização de jovens e adultos deve respeitar o contexto do alfabetizando, ou seja, partir dele, mas não negar outros conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade, uma vez que estes precisam se apropriar de conhecimentos dos mais diversos de modo que possa participar com autonomia na sociedade, intervindo positivamente para a sua transformação. Assim, a alfabetização de jovens e adultos tem uma importância fundamental na formação cidadã de homens e mulheres que na sua infância e adolescência tiveram o direito da escolarização roubado.

Espero que ao escolher este tema venha dialogar com essas pessoas, no intuito de perceber o quanto é gratificante saber ler e escrever. Mesmo sabendo que

são muitos os desafios encontrados na luta pela alfabetização dessa classe batalhadora, temos que ser estrategistas e cautelosos com o que vamos trabalhar com esse público tão distinto, para que não venha o fracasso e o abandono da escola.

A partir das discussões surgiu o seguinte problema de pesquisa: Quais os sentidos da alfabetização para os sujeitos não alfabetizados ou pouco escolarizados do bairro Cajueiro em Amargosa-Ba? E a partir dos diálogos foi elaborado o seguinte objetivo geral: Compreender os sentidos do apreender ler e escrever para as pessoas não alfabetizadas ou pouco escolarizadas do Bairro do Cajueiro do Município de Amargosa-BA. A partir do objetivo geral foram construídos os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer a trajetória de vida e escolarização dos colaboradores da pesquisa;
- Conhecer os sujeitos e contextos da Educação de Jovens e Adultos e estabelecer relação com os colaboradores da pesquisa;
- Investigar como esses sujeitos percebem o aprendizado da leitura e da escrita para a vida social.

Para este trabalho foram utilizados autores que me ajudaram da melhor forma a refletir sobre o tema, dentre outros, destacam-se Arroyo (2001) e Freire (1995; 2002). Arroyo (2001) pela sua ampla discussão sobre os sujeitos da EJA. Para ele, “[...] Falar dos alfabetizados da EJA é falar sobre tudo do jovem, adulto, trabalhador, pobre, negro, oprimido e excluído. [...]” (ARROYO, 2001, p, 15).

Já Freire (2002), contribui efetivamente para melhor compreender o processo de ensino, sobretudo no âmbito da Educação de Jovens e Adultos. Na sua concepção “Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2002 p. 52). Nesse sentido, a ideia é possibilitar a esses indivíduos a busca da sua própria discussão da realidade e a reflexão para que estes desenvolvam suas atitudes e conceitos, estabelecendo uma relação com o conhecimento adquirido.

Além disso, Freire também contribui decisivamente para pensarmos e problematizarmos a Educação de Jovens e Adultos e a importância da relação dialógica nesse processo. Para Freire (1995) “[...] para ser um ato de conhecimento

o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educando, uma relação de autêntico diálogo. [...]” (FREIRE 1995 p 64). Ao levar em consideração a citação de Freire, percebemos que este processo acontece a depender da capacidade do sujeito resolver suas atividades sozinho, do nível do desenvolvimento e da capacidade de cada um. Desta forma, o papel do professor nesse processo tem fundamental relevância, pois cabe ao professor usar estratégias que facilitem a aprendizagem de cada um. A educação de jovens e adultos terá que ser uma educação em que desenvolva seus conhecimentos na diversidade cultural, que parta de uma análise crítica da real existência dos educandos.

Além das contribuições de Arroyo (2011) e Freire (1995; 2002), nos apoiamos também nos estudos da UNESCO, ao apontar que a alfabetização de jovens e adultos: “[...] está reconhecida como um fator crucial do desenvolvimento político e econômico, do progresso técnico e das transformações socioculturais” (UNESCO 1979, p.1). Isso revela a educação de jovens e adultos como um patamar incondicional para convivência do meio social, trazendo assim um fortalecimento dessa modalidade como de grade relevância não somente para a educação, como para o setor político, socioeconômico e cultural do país.

A metodologia adotada para esse trabalho parte inicialmente de levantamento bibliográfico com autores que falam sobre o tema. Segundo Fonseca (2002, p.32) qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Além disso, o trabalho adota a abordagem qualitativa, tendo como método a pesquisa de campo e como instrumento de produção de dados o estudo optou pela entrevista semiestruturada.

Para tanto, esta monografia está estruturada em IV capítulos que estão divididos da seguinte forma: o capítulo I, contempla a introdução, com o desenho da pesquisa; o capítulo II é dedicado a reflexões sobre a alfabetização de jovens, adultos e idosos: contextos, sentindo e sujeitos. Dentro do capítulo II, estão inseridos três tópicos, o primeiro se debruça sobre uma breve materialidade histórica da educação de jovens e adultos com fragmentos de uma trajetória marcada por avanços e retrocessos, no segundo, evidencia-se os contextos e sujeitos da educação/alfabetização de jovens e adultos e suas trajetórias, para finalizar o capítulo, o terceiro tópico destaca a temática alfabetização para os jovens e adultos

pouco escolarizados: quais os sentidos?

O capítulo III vem falando sobre os caminhos metodológicos da pesquisa, elucidando, nos seus três tópicos, a abordagem metodológica da pesquisa, a caracterização do campo e dos sujeitos da pesquisa, bem como os procedimentos de produção e análise de dados.

Levando para o capítulo IV, intitulado “entre as vozes dos sujeitos e as teorias estudadas: trajetórias, sujeitos e sentidos da alfabetização”, contempla o marco analítico da pesquisa, este se organiza em dois tópicos: o primeiro debruça-se sobre os sujeitos pouco escolarizados e suas trajetórias de vida/escolarização, e, o segundo, dedica-se a compreensão do aprendizado da leitura e da escrita sob a percepção dos sujeitos pouco escolarizados. Sendo assim, depois de todos estes pontos refletidos, a pesquisa é concluída com as considerações finais, referências e apêndices.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a ampliação do debate sobre a EJA, uma modalidade historicamente deixada em segundo plano e que a esperança das pessoas continue acesa, pois a EJA é uma modalidade importante e que deve sim, ser ocupada por todos aqueles que tiveram esse direito negado na infância e/ou adolescência.

2 ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: CONTEXTOS, SENTIDOS E SUJEITOS.

O que fazer?

*Ser estudante da EJA
Não é ser diferente
É gente como todo mundo
Que não teve oportunidade descente
São pessoas da classe trabalhadora
É quem põem o Brasil pra frente
Mas a elite da pirâmide
Não procuram resolver
E fica essa gente da EJA
Desejosas para ampliar o seu saber.
(Catarina Sampaio dos Santos, 22 de abril de 2021).*

2.1 Breve recorte histórico da Educação de Jovens e Adultos: fragmentos de uma trajetória marcada por avanços e retrocessos.

A alfabetização de jovens e adultos (EJA) é uma modalidade diferente da alfabetização de crianças na fase inicial, o público alvo destinado a essa aprendizagem, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996), são indivíduos a partir de 15 anos de idade os quais não tiveram a oportunidade de uma educação escolar regular. A EJA veio como uma forma de suprir essas necessidades escolares as quais foram delimitadas por motivos diversos, como trabalhar para aumentar a renda familiar, outros por construir família de forma precoce desde a sua adolescência, entre outros fatores. Essa modalidade da Educação básica veio para dar esperança a esses indivíduos que tinham o desejo de aprofundarem seus estudos e conhecimentos, pois na infância ou adolescência as oportunidades lhes foram negadas.

O histórico da EJA no Brasil decorre a trajetória do próprio desenvolvimento da educação e vem institucionalizando-se desde a catequização dos indígenas, a alfabetização e a transmissão da língua portuguesa servindo como elemento de processo de modificação cultural dos nativos (PAIVA, 1973). Quando a família real chegou ao Brasil, ouve a necessidade de formar trabalhadores para atender as demandas da monarquia portuguesa e, assim foi implantado o processo de ensino para adultos com objetivos de cumprirem as demandas como serviçais da corte. Segundo Piletti (1988, p. 165) "a realeza procurava facilitar o trabalho missionário da

igreja, na medida em que esta procurava converter os índios aos costumes da Coroa Portuguesa".

A EJA foi instituída legalmente no Brasil como modalidade de ensino, Fundamental e Médio, em 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 (BRASIL, 1996), destinada àqueles que não estudaram na infância ou adolescência, em atendimento à demanda de jovens e adultos não alfabetizados, à baixa taxa de escolaridade e ao atraso escolar, cujos índices, historicamente, compõem a realidade educacional do nosso país.

Boa parte da população brasileira não era alfabetizada até meados do século XX, conforme dados do censo demográfico de 1940, conforme pode ser observado a seguir:

[...] para uma população adulta (15 anos ou mais) de 23.631.769 pessoas, existiam 13.279.899 analfabetos, assim, 56% da população adulta brasileira era formada por analfabetos, implicando assim o analfabetismo como um fator impeditivo do acesso dessas pessoas à participação na política do país, pois, não sendo instruídas, seriam incapazes de votar (BRASIL, 1940, p.88).

A EJA no Brasil tem sua origem na década de 1940, quando surgiram as primeiras iniciativas de alfabetização de adultos. Nessa época, a educação era vista como um instrumento importante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A partir da década de 1960, o governo federal começou a investir em programas de alfabetização de adultos, que foram ampliados na década de 1970.

O educador Paulo Freire em 1963 criou um projeto de alfabetização que foi batizado como 40 horas de Angicos, sendo experiência de educação popular desenvolvida, na cidade de Angicos/RN. Esse projeto alfabetizou em torno de 300 adultos em 40 horas, onde foram utilizadas práticas educacionais sugeridas e orientadas por Paulo Freire. O programa foi baseado nos princípios da pedagogia crítica, que enfatiza a importância do diálogo e da colaboração entre alunos e professores, contrariando os métodos tradicionais de alfabetização em voga naquele período.

Seguindo dessas palavras, todo material didático era preparado, como fichas de leitura, slides, entre outros. Silva; Alcântara; Eleutério (2006, p. 08) explicam o funcionamento das aulas:

As aulas eram desenvolvidas através de situações-problema, estimulando a participação e o posicionamento crítico do educando, de modo que o adulto se educava mediante a discussão de suas experiências de vida com outros indivíduos que participavam das mesmas experiências, num processo em que o homem 'aprende a si mesmo e aos outros sob a mediação do mundo'. Assim se dava a leitura da palavra, passando pelo reconhecimento dos fonemas e das sílabas até a leitura de frases que traduzem as relações com o mundo. (SILVA; ALCÂNTARA; ELEUTÉRIO, 2006, p. 08).

Nota-se que era uma metodologia diferente inovadora e alternativa para o desenvolvimento do trabalho pedagógico com jovens e adultos. As propostas de alfabetização contidas no sistema Paulo Freire não fazem da cartilha um instrumento principal do processo de ensino e aprendizagem. O projeto foi sucesso na cidade, ao final 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 40 horas e em apenas 45 dias.

O sucesso dessa experiência é válido ao professor Paulo Freire, onde teve o convite para repassar a alfabetização de jovens e adultos em âmbito nacional, porém, a campanha Nacional de Alfabetização do governo João Goulart não chegou a ser posta em prática, o golpe militar funil severamente essas experiências e muito dos seus participantes.

A partir daí foi criado o programa "Movimento Brasileiro de Alfabetização" (MOBRAL), que tinha como objetivo alfabetizar jovens e adultos que não haviam tido acesso à educação formal. De acordo com Menezes, 2001:

O Mobral propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando "conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida". (MENEZES, 2001, p. 59).

Diante da reflexão apresentada por Menezes (2001) questiona-se: até que ponto o Mobral contribuiu para a melhoria das condições de vida das pessoas? E que medida este movimento de alfabetização possibilitou para os sujeitos inseridos além da mecanização da leitura e da escrita? Não podemos negar a sua rápida e ampla abrangência, mas precisamos questionar a sua proposta e as intenções políticas.

Conforme afirmado por Paiva (1987), a educação voltada para a população jovem e só pensada como políticas públicas a partir do final da década de 40, entre, quando surgiu o Serviço de Educação de Adultos do Ministério da Educação (BRASIL, 1950). Neste período aconteceu a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), criada durante o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, lançada a partir de 17 solicitações da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), criada para beneficiar a educação popular daqueles que sempre tiveram um local apartado nas políticas públicas do Estado, colocados como coadjuvantes na tessitura de suas próprias vidas.

Segundo Paiva (1987), em seu plano interno, a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos acenava como uma possibilidade de formar mão de obra alfabetizada nas cidades e de estender essa formação ao campo.

Surgiram, posteriormente, outras campanhas que não se apresentaram eficientes no sentido de alfabetizar, como a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), de 1952, que foi instituída pelo Ministério da Educação e Saúde, teve por finalidade, difundir a educação de base no meio rural brasileiro. Entre os vários objetivos dessa campanha pode se citar: “1- investigar e pesquisar as condições econômicas, sociais e culturais da vida do homem brasileiro no campo; 2- preparar técnicos para atender as necessidades da Educação de base ou fundamental” (BRASIL, 1956, p. 2). Esses objetivos acabam por dotar o sujeito de um conhecimento desfocado que lhes objetiva a uma proporção limitada do seu saber.

Nesse mesmo período, surge o movimento Educação de Base (MEB), da Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), um programa nascido da experiência com escolas radiofônicas lançado em 1958, pelo bispo Eugenio Sales, em Natal, Rio Grande do Norte. Os programas da MEB eram baseados nos sistemas de programas e sua ação se dava através da emissora da diocese local e do contato com as turmas de aula.

Em 1964, com o golpe militar o projeto de implementação do Plano Nacional de Alfabetização foi cancelado. Esse programa tinha como coordenador Paulo Freire, a convite do governo da época, nesse mesmo período, Paulo Freire foi exilado. Na concepção de Freire (1999), a pessoa não alfabetizada não era

considerada como incapaz, mas como pessoa dotada de cultura própria e capaz de produzir cultura. A alfabetização no método Freiriano desperta a consciência crítica como indispensável para libertação do sujeito, do seu processo de vida. Assim Freire (2000), afirma que:

[...] A consciência do mundo, que viabiliza a consciência de mim, inviabiliza a imutabilidade do mundo. A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo, mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de investir no mundo e não só de a ele se adaptar [...] (FREIRE, 2000, p.20).

Entende-se que o auge da alfabetização traz consigo não apenas a expansão socialmente destacada, mais ela vem marcada por lutas de progresso e regresso, num mundo e do mundo. Esse método Freiriano traz a proposta de que ao lecionar, o educando entenda e compreenda a realidade de quem vai ser alfabetizado. Vale destacar que posteriormente o MEB deu prosseguimento em seu trabalho de alfabetização nos lugares mais atrasados do país.

Segundo reflexões de Brandão (2006), no final de 1967, O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em associação com o MEB, escalavam qualquer tipo de pessoa que soubessem ler e escrever para ensinar no programa, com o objetivo de alfabetizar com a leitura e a escrita sem a formação pessoal do sujeito que queria mudar sua realidade.

Brandão (2006), afirmam que em 1985, o MOBRAL é encerrado, sem alcançar a meta de acabar com o analfabetismo. Em 1996, na cidade de natal (RN), foi lançando o programa Alfabetização Solidária, durante evento do EJAI, foi à preparação da V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFITEA) em ação conjunta entre governo federal, empresas, prefeituras e universidades. Esse programa foi implantado nos municípios onde (IDH), Índice de Desenvolvimento Humano era inferior há 0,5, e foi considerado um programa muito rápido segundo afirmam Haddad e Di Pierro (2000):

Propunha que Instituições de Ensino Superior das regiões Sul e Sudeste supervisionassem as ações nas cidades das regiões Norte e Nordeste, essa orientação reforçava a relação de dependência entre Norte-Nordeste (subdesenvolvidos) e Sul-Sudeste (desenvolvidos), semelhante aos outros programas e campanhas, não trouxe os resultados esperados à

alfabetização na EJA, pois quando do seu final, reduzido número de estudantes atendidos pelo programa eram capazes de ler e escrever textos pequenos (HADDAD e DIPIERRO, 2000, p.124).

Dessa forma, durante a história do EJA, criaram e investiram em programas de alfabetização que não tiveram bons resultados. Em 2003, foi lançado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), com o intuito de alfabetizar jovens, adultos e idosos dando preferências aos municípios com a taxa elevada de analfabetismo. Com a proposta de garantia a continuação dos estudos dos alfabetizados, tinha como objetivo:

[...] promover a superação do analfabetismo entre jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos e contribuir para a universalização do ensino fundamental no Brasil, tinha como ações apoiar técnicas e financeiramente os projetos de alfabetização de jovens e adultos no Distrito Federal, Municípios e Estados (Brasil, 2017, p, 1).

O PBA, é financiando através de repasses de recursos financeiros feito pelo MEC/FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, por transferências automáticas aos estados e municípios o PAB é o ponto de partida que completa a inclusão dos idosos nos programas de alfabetização de jovens e adultos, onde consta na resolução / FNDE/CD/nº44 de 16 de outubro de 2008 em seu artigo 3º:

Estabelece critérios e procedimentos para a execução de fomento a leitura para neoleitores jovens, adultos e idosos, mediante a assistência financeira aos Estados, Municípios, Distrito Federal, Instituição públicas de Ensino Superior e Entidades sem fins lucrativos (BRASIL, 2008, p.3).

É possível nota nesta resolução a inclusão da pessoa idosa, bem como a criação de programas compatíveis com essa faixa etária com a intenção de adicioná-los com matérias específicos, com políticas direcionadas a não só lhe proporcionar escolaridade, mais também incluir e permitir seu acesso aos bens culturais os quais fortalece a sua cidadania.

As políticas para essa modalidade de Educação de Jovens e Adultos adotadas durante o período do então atual presidente desde o seu mandato anteriores (2003-2010), teve um avanço quando se trata de investimento em programas de cunho educacional, á exemplo, o Programa Brasil Alfabetização, o

Projovem- Programa de Inclusão de Jovens, a criação da Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), entre outros.

Luiz Inácio Lula Da Sila (PT- Partido dos Trabalhadores) foi eleito em uma junção de forças políticas que representavam a classe trabalhadora. O início do primeiro mandato do presidente Lula teve destaque pelo conservadorismo no âmbito econômico, isso proporcionou mais investimentos e ações que beneficiários os segmentos mais pobres.

Apesar de todos esses investimentos nas políticas educacionais, ainda assim, é insuficiente para promover uma educação de qualidade e para todos. A gestão Lula, trouxe consigo a esperança que o EJA, pudesse de certa ser valorizada.

No entanto o PBA ficou distante do objetivo de erradicar o analfabetismo, pois, os objetivos de alfabetizar em curto período de tempo necessita de uma modificação da União para ingressa o EJA nas redes físicas em uma parceria com os estados e municípios e com apoios técnicos e pedagógicos adequados. Se as políticas públicas não considerarem as condições de vida desses jovens e adultos, o quando e exclusão e o afastamento de ambos da escola tende a persistir, pois os grupos mais vitimados continuarão a sofrer as consequências de uma ordem social e econômica que os oprimir. Assim, conforme anunciado por Arroyo (2005):

[...] Há constâncias que merecem a atenção das pesquisas e das políticas públicas: por décadas esses jovens e adultos são os mesmo, pobres, oprimidos, excluídos, vulneráveis, negros, das periferias e dos campos. Os coletivos sociais e culturais que permanecem são os mesmos. Essas constâncias históricas têm sido mais determinantes na história da sua educação do que a indefinição, imprevisão e diversidade de atores, de ações, espaços e intervenções [...] (ARROYO, 2005, p. 33).

Pode-se concluir que, em resumo, o governo Lula teve uma serie e políticas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos, buscando reduzir o analfabetismo e oferecer oportunidade de educação básica e profissionalizante para jovens e adultos que não tiveram acesso a essa formação na idade adequada. Na contra mão a todos as iniciativas investida pelo Governo Lula, o anterior presidente Jair Bolsonaro, durante o período do seu mandato propôs medidas que afetaram sobre maneira áreas como a educação. Isso inclui cortes em orçamentos para instituição de ensino

e mudanças nos programas escolares, trazendo o retrocesso educacional para o Brasil. Dentre esses cortes, inclui-se a EJA.

A EJA, foi o campo educacional mais afetado com o corte de quase 94% do seu investimento. Segundo o e-book “Em busca de saídas para as crises de políticas públicas de EJA”. A publicação foi organizada pelo Movimento Pela Base, composta por estudiosos do Instituto Paulo Freire, Cenpec (Centro de Estudo e Pesquisas em Educação, Cultural e Ação Comunitária) e Ação Educativa, em resposta as diretrizes governamentais. Aponta que é necessário reverter essa situação, resgatando a educação de jovens e adultos como um direito humano que é um bem comum e uma responsabilidade pública.

Diante de toda esta materialidade histórica apresentada, destacamos que foi a constituição de 1988 que tornou a educação uma obrigação básica do Estado e direito de todos os cidadãos, inclusive a quem esse direito negligenciado na infância ou adolescência; nela estabelece a obrigatoriedade de um Plano Nacional de Educação (PNE) de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do poder público que conduzam à: I – erradicação do analfabetismo, II – universalização do atendimento escolar (BRASIL, 1988). O atual Plano Nacional de Educação sancionado no dia 26 de junho de 2014, tem vigência de dez anos e estabeleceu diretrizes, metas e estratégias para melhorias na área da Educação.

A EJA é uma modalidade de ensino de suma importância no cenário educacional, porém apesar de alguns avanços, ainda há muito a ser feito, para conseguir universalizar o acesso à educação de toda população brasileira e garantir aos seus alunos a matrícula e permanência na escola. Importante destacar-se que a EJA é uma modalidade de ensino que exige flexibilidade e é preciso levar em consideração as condições de vida do aluno da classe trabalhadora, e seus interesses que muitas vezes está estudando novamente para conseguir um trabalho melhor. Daí vem à importância de se associar a educação de jovens e adultos ao ensino profissionalizante, pois é mais um caminho que estes educandos podem seguir. Essa junção entre a EJA e a educação profissional também está em lei no parágrafo 3º do artigo 37 da LDB, quando afirma que “a educação de jovens e adultos deverá articular-se preferencialmente, com a educação profissional”,

ajudando assim na ascensão profissional destas pessoas que concluem a educação básica tardiamente.

Quando falamos da Educação de Jovens e Adultos, nota-se que no decorrer de sua história, aconteceram algumas mudanças ao que se refere à legislação, especialmente nas décadas de 1980 e 1990 com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e da LDB 9394/96. Apesar dos amparos legais, infelizmente a educação de jovens e adultos EJA ainda não garante uma educação qualificada para os que buscam essa modalidade de ensino, tanto para melhores empregos e salários, satisfação pessoal e/ou amplitude de conhecimento.

2.2 Os contextos e sujeitos da educação/alfabetização de jovens e adultos e suas trajetórias: entre lutas e enfrentamentos

Igualdade x Desigualdade

*Como dizer eu somos iguais?
Ah! Se assim fosse! Teríamos um mundo melhor
Sociedade ingrata que leva a vida na graça
E assim o tempo passa
Igualdade o que dizer?
Nem na cor, nem na raça
Simplesmente viver como pode
Sem se desfazer
Desigualdade sim, sempre vai existir.
Não adianta querer encobrir
E a EJA está aí
Para nos fazer refletir
Igualdade x desigualdade, vai sempre existir
Está aí a realidade da sociedade egoísta
Que finge ser otimista
Porem fica muita gente a sofrer
Nessa realidade pessimista.
(Catarina Sampaio dos Santos, 13 de maio de 2021).*

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) enquanto modalidade de ensino enfrenta várias dificuldades. Segundo Freire (1979), a alfabetização de jovens e adultos precisa ocorrer dentro do contexto cultural, considerando o aluno como sujeito construtor da aprendizagem, nenhuma visão menos ideológica, sem se apoiar nas relações que o determina ou influência. A proposta de Freire se remete a conhecimentos, tendo respeito ao educando e colocando em prática os sujeitos e

seus contextos onde se tragam os sujeitos para o seu mundo e não tentando excluí-los.

Freire (2000) relata que o ensino coerente e significativo favorece a formação global do sujeito, tornando a escola um momento de preparação da vida. Desde modo, a formação em valores instaurada na proposta política fundamentada pela pedagogia progressista, libertadora, considera a educação como estrutura fundamental na construção social, por atuar a favor da igualdade, com respeito ao “Direito de ir e vim, do direito de comer de vestir, de dizer a palavra, de amar, de escolher, de estudar, de trabalhar. Do direito de crer e de não crer, do direito a segurança e à paz” (FREIRE, 2000, p, 59).

Como podemos garantir um ensino favorável aos sujeitos, como sugere Freire (2000), se a esses sujeitos lhes falta acesso, pois, muitas pessoas que necessitam da EJA não têm acesso à educação de qualidade, seja por falta de escolas próximas, dificuldades financeiras ou por estarem em situação de vulnerabilidade social. Muitos estudantes da EJA enfrentam dificuldades para acompanhar o ritmo de aprendizagem, seja por defasagem de conhecimento ou pela dificuldade, pois na maioria das vezes os sujeitos da EJA não podem contar com o apoio da família, o que dificulta o processo de aprendizagem podendo levar ao abandono escolar.

Não podendo deixar de falar sobre o preconceito que os sujeitos da EJA enfrentam, pois, esta educação ainda é vista por muitas pessoas como uma modalidade de ensino inferior, o que pode levar ao preconceito e à discriminação. “Apesar das dificuldades de cada um, todos podem ter a oportunidade de iniciar ou retomar seus estudos, independente da fase de vida em que se encontram, para que estejam preparados para o mundo, em processo de constantes e aceleradas transformações”. Conforme anunciado por (Lima, 2001), sendo a EJA vista como um lugar, de forma marginalizada, os sujeitos na maioria das vezes não procuram a instituição escolar como um espaço de reintegração social e vivências de novas experiências, o que envolve culturas, responsabilidades, cotidianas e aprendizado, mais sim, apenas para concluir os seus estudos ou recuperar o tempo perdido. Pensando nesta realidade, precisamos problematizar sobre as negações de direitos destes sujeitos que ocupam os bancos da EJA. O direito básico de ler e escrever, do acesso e permanência a escolarização foi negligenciado para estas pessoas que

são na sua grande maioria se não a totalidade da classe trabalhadora. Nessa perspectiva, Marx e Engels (2007) contribuem ao relatarem que:

Os homens precisam comer beber, ter moradia, roupas e demais objetos que os amparam em sua sobrevivência e, na satisfação das necessidades, aprendizagem produzida é fundamental a sobrevivência e continuidade da sua história. (MARX e ENGELS, 2007).

Segundo os autores, o ser humano em si já nasce com necessidades básicas de sobrevivência, tais precisões são de suma importância na trajetória de vida desses sujeitos. É um direito do ser humano ser suprido dessas necessidades, e a sua inclusão na aprendizagem escolar de forma continuada faz parte de sua formação enquanto ser. No entanto, ainda precisa-se de incentivos com uma política pública educacional de inclusão, onde a classe considerada marginalizada tenham direitos de adquirir conhecimentos que os tornem pessoas com consciência da realidade dos seus direitos. Levando em conta que esses indivíduos vêm de culturas diferentes, de classes sociais diversificadas o que dificulta a conclusão dos seus estudos na idade apropriada. O poder público acaba negando a essa classe trabalhadora o privilégio de da continuidade a sua trajetória de vida.

A EJA vem com um novo modelo de pensamento, que leva a reflexão do papel do Estado na implantação de políticas públicas que venham combinar com as necessidades desses sujeitos, apresentando uma proposta de inclusão e uma metodologia que se agregue a realidade das escolas, levando em consideração que esse público se encontra fora do ambiente educacional há bastante tempo e a escolarização possibilita o seu avanço social.

Além dos desafios já citados acima, ainda temos a insuficiência de recursos muitas escolas que oferecem a EJA não contam com recursos suficientes para garantir uma educação de qualidade, como materiais didáticos atualizados, bibliotecas bem equipadas e salas de aula adequadas, onde tudo foge da realidade dos sujeitos.

No entanto, é importante destacar que a modalidade de ensino é fundamental para garantir o acesso à educação básica e a inclusão social de muitas pessoas que foram excluídas do sistema educacional na infância ou adolescência. A EJA é

fundamental para que jovens e adultos possam retomar os estudos e, com isso, dar o primeiro passo na carreira.

O perfil dos sujeitos que compõem o EJA varia bastante, mas, conforme destaca PAIVA (1983 p, 19), em geral, que são pessoas com idade igual ou superior a 18 anos, estão em diferentes fases da vida, como trabalhadores, desempregados, donas de casa, moradores das periferias, trabalhadores rurais, geralmente são os sujeitos que foram excluídos e apresentam um nível socioeconômico inferior aos que tiveram oportunidades de concluir seus estudos em tempo regular, normalmente tem famílias e outras responsabilidades que dificultam o retorno aos estudos, podem apresentar dificuldades de aprendizagem ou ter tido experiências escolares negativas no passado, em fim, podem ser de diferentes classes sociais, levando em conta que não há uma classe social específica. É importante lembrar que a EJA não se limita a um perfil específico de pessoas, mas, está aberto a todas as pessoas que desejam concluir seus estudos.

Os agrupamentos na sala de aula da EJA assim se caracterizam, segundo Vóvio (2010), *apud* Braga (2011, p.68):

[...] formam um grupo bastante heterogêneo, tanto no que diz respeito ao ciclo de vida em que estão as suas biografias e identidades, as suas disposições para aprender, as suas necessidades formativas, como em relações às representações sobre ler e escrever, os conhecimentos e as habilidades construídos em suas experiências de vida.

Segundo o autor, a visão que o jovem tem em relação à EJA, se diferencia da visão do adulto em comparação com a expectativa de futuro. De certa forma, o adulto tem uma visão crítica em relação aos jovens da EJA, analisando pelo seu modo de vestir, de agir, de se comportar, o que interfere de forma negativa na aprendizagem não levando a sério os estudos. De contra tempo, a visão do jovem em relação aos adultos ou idosos na maior parte do tempo, consideram sem capacidade, ou seja, incapaz de acompanhar o ritmo, deslocado do ambiente educacional, sem produtividade. Nesse mesmo contexto, os jovens são vistos pelos mais velhos como baderneiros, barulhentos e sem interesse de aprender (SILVA, 2009).

A educação é algo de extrema importância na vida de um cidadão, ela contribui para sua formação quanto sujeito livre e consciente, assim como sua realização pessoal e profissional, tendo a capacidade de intervir de maneira consciente no seu meio e na sociedade a qual ele vive. De acordo com Freire, “A prática educacional não é o único caminho à transformação social necessária à conquista dos direitos humanos, contudo acredito que, sem ela, jamais haverá a transformação social” (FREIRE, 2001, p.36). Segundo Freire, a educação consegue dar às pessoas maior clareza para “levar o mundo”, e essa clareza abre a possibilidade para a intervenção social.

Essa realidade histórica nos auxilia para um breve estudo da trajetória dos sujeitos pela educação no Brasil dos indivíduos que procuram uma melhoria de vida que enfrentam batalhas e lutas para conquistar uma condição de vida melhor como saúde, alimentação, moradia, emprego, entre outros. Essa intensificação da estrutura do analfabetismo brasileiro, diante da realidade que lhes foram negadas, eles buscam pela inclusão, essas pessoas não tiveram na família membros que fossem estudados como, por exemplo, os próprios pais, que tiveram que dar prioridade ao trabalho como meio de sobrevivência e deixando de lado a formação escolar.

Analisar a EJA como um espaço de inclusão social, é uma prioridade para garantir o direito de quem busca esse tipo de modalidade que é a alfabetização em um curto espaço de tempo, ou seja, uma formação que os integre à sociedade dignamente. É necessária uma ação prática na EJA que permita a inclusão desses sujeitos aos seus direitos, para que se cumpra a determinação do Art. 4º da Declaração Mundial sobre Educação Para Todos quando diz:

Os grupos excluídos – os pobres: os meninos e meninas de rua ou trabalhadores; as populações das periferias urbanas e zonas rurais, os nômades e os trabalhadores migrantes; os indígenas; as minorias étnicas, raciais e linguísticas: os refugiados; os deslocados pela guerra; e os povos submetidos em regime de ocupação – não devem sofrer qualquer tipo de discriminação no acesso às oportunidades educacionais. (UNESCO, 2015, p.4).

Levando em conta que a ausência desses indivíduos nas políticas educacionais é histórica e merece uma minuciosa análise investigativa que mostre as causas dessas exclusões, pois “[...] por décadas esses jovens e adultos são os mesmos,

pobres, oprimidos, excluídos, vulneráveis, negros, das periferias e dos campos. Os coletivos sociais e culturais a que pertencem são os mesmos”, isso se é um determinante presente na “história da sua educação do que a indefinição, imprevisão e diversidade de atores, de ações, espaços e intervenções” (ARROYO, 2005, p.33). Para ele, historicamente os sujeitos da EJA “são os mesmos: pobres, desempregados, na economia informal, negros, nos limites da sobrevivência”, e seu “nome genérico, oculta essas identidades coletivas”. Dessa forma, os direitos sociais dos sujeitos da EJA devem ser requeridos para que seja devolvida a identidade que lhes foi negada geração após geração.

2.3 A alfabetização para os jovens e adultos pouco escolarizados: quais os sentidos?

Reflexão

*Não ser um diplomata
Não é deixar de ser alguém
É também um ser humano que direito também tem
Não saber escrever seu nome
Não é ser inexistente
É sujeito como quem é formado
Em Direito e ate mesmo o presidente
Para o ser celestial nós não somos diferentes
Todo mundo são iguais
O professor, o medico, o engenheiro...
Todos são especiais
O sem terra, o morador de rua
O tenente, o general
A Educação ficou para todos
Porem tem muitos marginalizados
Por uma tal de discriminação
Fica uma grande divisão
A educação e a terra
Ficou para todo cidadão
Que ironia!?
Essa comparação!
Educação fragilizada
Para classe trabalhadora
O sem terra e o morador da favela
A terra é para elite
Se quisermos alcançar
Temos que lutar com resistência e precisão
Para poder sobreviver e sermos melhores cidadãos
Mesmo com a pouca alfabetização
Sabendo escrever seu nome ou não.
(Catarina Sampaio dos Santos, 02 de junho de 2022).*

De acordo com as leituras e anotações realizadas entende-se que a alfabetização é um processo muito importante para os jovens e adultos poucos escolarizados, pois é por meio dela que eles desenvolvem habilidades essenciais para a vida social, cultural e profissional. Nesse sentido, podemos destacar segundo as ideias apresentadas por Xavier, (2006. p.1), alguns sentidos da alfabetização para esses indivíduos, tais como: ampliação da autonomia, desenvolvimento da autoestima, acesso a novas oportunidades, valorização da cultura e integração social.

O primeiro sentido, ampliação da autonomia: A alfabetização permite que essas pessoas tenham maior domínio e controle sobre as informações, além de poder se comunicar melhor e acessar diferentes recursos. O segundo sentido é o desenvolvimento da autoestima: Aprender a ler e a escrever é um processo que aumenta a autoestima das pessoas, pois elas passam a se sentir mais capazes e a ter maior confiança em si mesma. O terceiro sentido refere-se ao acesso a novas oportunidades: a partir da alfabetização, os jovens e adultos podem ter acesso a diferentes oportunidades, como concursos públicos, cursos profissionalizantes e até mesmo a continuação de seus estudos em níveis mais avançados. O quarto sentido, valorização da cultura: por meio da alfabetização, as pessoas têm a oportunidade de conhecer e apreciar diferentes formas de arte, literatura e cultura, o que pode contribuir para uma maior valorização da diversidade. Por fim, integração social: a alfabetização é fundamental para a integração social, uma vez que permite que as pessoas se comuniquem e participem de forma mais ativa na vida em sociedade (XAVIER, 2006).

Conforme anunciado por XAVIER, (2006), percebe-se que a alfabetização assume diferentes sentidos para os jovens, adultos e idosos pouco escolarizados. Estes sentidos (ampliação da autonomia, desenvolvimento da autoestima, acesso a novas oportunidades, valorização da cultura e integração social) se entrelaçam e se abastecem de sentido, uma vez que buscam promover a formação/transformação do sujeito no sentido de empoderamento para intervenção no mundo.

Nesse ínterim, a alfabetização é uma habilidade essencial para a ampliação da autonomia de um indivíduo, permitindo que tenha maior controle sobre as informações que recebe, possa se comunicar de forma mais qualificada e tenha acesso a uma variedade de recursos que podem melhorar sua qualidade de vida.

De acordo com as reflexões apresentadas por XAVIER, (2006), com a habilidade de ler e escrever, uma pessoa pode acessar com mais facilidade no mundo digital e se apropriar de diversas ferramentas e recursos disponíveis na internet, como e-mails, redes sociais, notícias e pesquisas. Além disso, a alfabetização também proporciona uma melhora significativa na comunicação interpessoal, pois permite que o indivíduo possa expressar suas ideias e pensamentos de forma clara e objetiva, seja por meio da escrita ou da leitura. Com isso, ele pode se comunicar com outras pessoas de forma mais eficiente, construir relações interpessoais mais saudáveis e desenvolver habilidades sociais importantes.

Deve se pensar no público que frequenta essa modalidade de ensino e de todo o contexto que está inserido. É importante em qualquer modalidade de ensino se conhecer o perfil dos alunos para ter condições de ofertar uma educação voltada a realidade dos sujeitos. Os alunos que frequentam o EJA procuram uma forma de liberdade, assim, assumindo uma autoestima onde se sintam sempre importantes nos lugares aos quais costumam frequentar, não se esquecendo de que tem algumas dessas pessoas que evitam ir a lugares de maior prestígio social, pois se sentem inferiores por não saberem ler e escrever. Aprender a ler e escrever proporciona o desenvolvimento da autoestima, tornando-se capaz de se comunicar com mais facilidade, de acessar informações e conhecimentos que antes lhes eram inacessíveis. Essa habilidade aumenta sua autonomia e sua capacidade de resolver problemas, o que, por sua vez, pode ter um impacto positivo na autoestima XAVIER, 2006.

Nesse sentido, a pessoa se sente mais capaz e mais preparada para enfrentar os desafios da vida, o que pode ter um impacto muito positivo em sua autoestima e em sua qualidade de vida. É importante ressaltar que a alfabetização não é um fim em si mesmo, mas sim um meio para que a pessoa possa se desenvolver pessoal e profissionalmente. Ao aumentar sua autoestima e sua confiança em si mesma, a alfabetização pode ser o ponto de partida para novas conquistas e realizações, que podem trazer ainda mais felicidade e realização pessoal.

Ciente que o acesso a novas oportunidades é outro sentido importante da alfabetização para jovens e adultos pouco escolarizados, conforme anunciado por Xavier (2006), aprender a ler e a escrever pode abrir muitas portas para essas pessoas, permitindo-lhes buscar novas oportunidades de trabalho e de estudo. Uma das principais oportunidades que a alfabetização pode proporcionar é a possibilidade de participar de concursos públicos. Muitas vagas em órgãos públicos exigem que o candidato saiba ler e escrever, e isso podem excluir muitas pessoas que não possuem essa habilidade. Ao se alfabetizarem, os jovens e adultos podem concorrer a essas vagas e ter acesso a um emprego mais estável e com melhores benefícios.

Além disso, a alfabetização também pode permitir que essas pessoas participem de cursos profissionalizantes, que podem capacitá-las para trabalhar em áreas específicas e aumentar suas chances de conseguir um emprego melhor remunerado. E para aqueles que desejam continuar seus estudos, a alfabetização é o primeiro passo para a obtenção de diplomas e certificações em níveis mais avançados, como o ensino médio e o ensino superior.

A alfabetização permite que essas pessoas tenham acesso a diferentes formas de expressão cultural, tais como a literatura, o teatro, a música, o cinema, entre outras. Isso pode contribuir para uma maior valorização da diversidade cultural e para a formação de uma identidade cultural mais ampla e rica. Ao se alfabetizarem, as pessoas podem ler e apreciar obras literárias de diferentes épocas e países, o que amplia sua visão de mundo e sua compreensão da complexidade humana. Elas também podem ter acesso a diferentes formas de arte, tais como pintura, escultura, fotografia, dança, entre outras, que podem contribuir para uma maior sensibilidade estética e uma maior valorização da diversidade cultural. XAVIER, 2006.

Além disso, a alfabetização também pode permitir que essas pessoas sejam protagonistas de sua própria história cultural, expressando-se por meio da escrita e da leitura e contribuindo para a construção de uma cultura local mais rica e diversa. A comunicação é um dos pilares da integração social e a alfabetização é fundamental para que as pessoas possam se expressar e compreender as

mensagens que recebem. Quando as pessoas não sabem ler e escrever, elas podem ter dificuldades em compreender as informações que recebem, como por exemplo, as notícias, as instruções em um manual ou as placas de sinalização. Isso pode prejudicar sua capacidade de se movimentar no mundo e de se relacionar com as outras pessoas.

Ao se alfabetizarem, as pessoas podem participar mais ativamente da vida em sociedade, seja por meio da leitura de jornais e revistas, da escrita de cartas e e-mails, ou mesmo por meio da utilização das redes sociais. A alfabetização também pode permitir que as pessoas se organizem em grupos, participem de associações e movimentos sociais e reivindiquem seus direitos de forma mais efetiva.

Todo processo de aprendizagem ligada aos sujeitos de EJA tem que ter como prioridade a contextualização da realidade, devendo sempre ter rodas de conversas, livros, jornais, procedimentos didáticos entre outros, devem servir aos alunos como referência para fazer comparação e análises, corrigir conceitos e estimular o interesse a participação e autonomia dos alunos. Uma das funções principais é auxiliar o aluno, possibilitando a concretização dos conteúdos estudados e, assim, a construção do conhecimento (SCHMITZ, 1993).

Conforme anunciado por Schmitz (1993), sobre o processo de aprendizagem dos sujeitos do EJA, entende-se que o papel do professor é destacar a curiosidade, indagar a realidade, problematizar, sempre transformando os obstáculos em dados de reflexão, para assim, poder entender os processos educativos, que estão relacionados com seu tempo, sua história e seu espaço.

A contextualização da realidade é um aspecto fundamental do processo de aprendizagem para jovens e adultos na Educação de Jovens e Adultos. Isso significa que é importante que os conteúdos trabalhados em sala de aula estejam relacionados com a realidade dos alunos, para que eles possam compreender a relevância do que estão aprendendo e como isso pode ser aplicado em suas vidas.

Toda aprendizagem desse sujeito dependerá, dentre outros aspectos, da forma como os recursos são passados ensinados, o principal responsável por isso será, na grande maioria das vezes professor que neste como em

qualquer outro processo de aprendizagem é o facilitador. Acredita-se que ensinar por meios de realizações de projetos interdisciplinares é um dos recursos bastante importantes e explorados nas turmas com esses sujeitos. Mota (2007, p.7) mostra que:

Um das principais vantagens de trabalhar por meio de projetos é que a aprendizagem passa a ser significativa centrada nas relações e nos procedimentos. Uma vez identificado o problema e formuladas algumas hipóteses, é possível traçar planos para os alunos seguintes, como a definição do material de apoio para pesquisa, que será utilizado para a busca de respostas e de confirmação ou não das hipóteses levantadas. (MOTA, 2007, p.7).

Segundo Mota (2007), deve-se entender que a relação professor e aluno são fundamentais para o processo de conscientização, libertação e conhecimento. É essencial entender que tudo que o professor faz em sala de aula influencia o desenvolvimento da apropriação dos conceitos. Sabendo-se que a maioria dos alunos da EJA vem de um longo e cansativo dia de trabalho e anos sem frequentar a escola. Os professores que ensinam essa modalidade precisam ter muita responsabilidade, dedicação e criatividade para que estes sejam incentivados a permanecer na escola. O professor é o mediador e incentivador de cada aluno, e o bom relacionamento, preocupação e carinho com os alunos ajudam no seu desenvolvimento intelectual.

O desenvolvimento, a assimilação e a interação pessoal são resultados desse recurso; os projetos desenvolvidos permitem que a visão que constrói do objeto de conhecimento seja múltipla, possibilitando várias interações e construções de conceitos, enriquecidas pelas experiências de vida. Em resumo, a alfabetização tem um papel fundamental na vida dos jovens e adultos poucos escolarizados, contribuindo para a ampliação da autonomia, desenvolvimento da autoestima, acesso a novas oportunidades, valorização da cultura e integração social.

3 CAMINHOS METODOLOGICOS DA PESQUISA

O opressor e o Oprimido

Esse povo oprimido
Não são seres diferentes
É gente como todo mundo

Que foi barrado o seu direito desce
Por uma classe opressora
Que se acha inteligente
Comparando o oprimido
Como um animal insolente
Fazem com que eles acreditem
Que Deus é o culpado deles serem incompetente
E marginalizados
Às vezes nas suas frustração
Com uma distorcida visão
Se acha sem o poder da palavra
Em qualquer ocasião
Meu Deus que confusão!
De tanto ouvirem que são incapazes
Acaba acreditando que nada sabem
Que eles não tem valia
Aceitando a opressão errada
Sem tomar uma posição
De que estão botando pra frente os opressores sem noção
Que agonia!
Essa elite traiçoeira
Faz o oprimido se achar incapaz
E que eles quem são doutores
E o oprimido animais
Os critérios de seus saberes
São os convencionais
Enquanto os oprimidos
Não abrirem sua visão
Vão ficando na mazela
Ao obedecer a essa gente charlatão
Temos que fechar todas as brechas
E derrubar todas as barreiras
Para que os oprimidos
Sejam reconhecidos
Como classe competente e guerreira
E que tem a mesma capacidade
Desses opressores covardes.
(Catarina Sampaio dos Santos, 13 de março de 2023)

Este capítulo se debruça sobre os caminhos metodológicos da pesquisa trilhados no processo, evidenciando desde os paradigmas científicos, passando pela abordagem, o *locus*, sujeitos até os instrumentos de produção de dados. Todos estes pontos abordados seguem no intuito de melhor compreender o campo empírico e as escolhas para a materialidade da pesquisa.

Inicialmente, faz-se relevante destacar a partir da percepção de Bruyne (1991), que a metodologia deve contribuir para explicar para além dos produtos da investigação científica, mas, sobretudo, o seu próprio processo, uma vez que a sua centralidade está na produtividade, na ação de produção dos resultados.

A metodologia é muito importante para a pesquisa e tem como objetivo captar e analisar as características dos vários métodos indispensáveis, avaliar suas capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou as implicações de sua utilização. Como afirmam Strausse e Corbin (1998) o método de pesquisa se constitui como um conjunto de procedimentos e técnicas utilizados para produção e análise dos dados. Este se dedica a fornecer meios para o alcance dos objetivos propostos e as ferramentas utilizadas para responder a questão problema.

É nesta intenção que este capítulo se destina: apresentar as técnicas e procedimentos utilizados para responder os objetivos propostos e a questão mobilizadora da pesquisa. Para tanto, inicialmente faz-se relevante trazer à tona uma breve abordagem dos paradigmas científicos, evidenciando o que sustenta a presente pesquisa. É sobre isso que discutiremos a seguir.

3.1 Paradigmas Científicos

Paradigma pode ser definido como um modelo a ser seguindo, ou seja, a representação de um padrão. No livro um Discurso Sobre Ciência, Boaventura de Sousa Santos (2008), apresenta os paradigmas científicos e a crise do paradigma dominante. Na ciência o paradigma é visto como uma chave, ou seja, como um abrigo que apresenta a capacidade de apresentar ao mundo o que se pode ser ou não considerado real.

Em leituras e em discussões, entende-se que o paradigma científico surge como um conjunto de normas e valores, podendo ser considerado como um padrão a ser seguindo. Segundo Boaventura (2008) o modelo de ciências dominante e o de racionalidade científica, constitui-se a partir da Revolução Científica do século XVI que desenvolveu-se primeiramente tendo como base as ciências naturais.

Boaventura de Sousa Santos traz no seu livro “Um Discurso Sobre Ciências”, dois tipos de paradigmas: o Paradigma Dominante, Paradigma Emergente; além disso, reflete sobre a Crise do Paradigma dominante.

O paradigma dominante segundo Santos (2008) foi uma história linear, era um modelo positivista. Mesmo assim foi um modelo muito importante, porque não tinha outro modelo antes a ser seguindo, entende-se que o Paradigma Dominante, era totalitário, ou seja, tinha uma verdade absoluta, não podendo ser questionando, pois o conhecimento era generalizado, baseava-se na observação livre, descomprometida e rigorosa dos fenômenos naturais. Assim Santos (2008) afirma:

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. (SANTOS, 2008, p, 21).

O modelo dominante, segundo Santos (2008) não tolera o senso comum e as humanidades; ele aceita apenas uma forma de conhecimento verdadeiro. Sendo assim, o paradigma dominante é totalitário porque não admite outras formas de epistemologia que não pautem pelos seus princípios. De acordo com Santos (2003), o modelo de racionalidade anterior à ciências moderna foi desenvolvida principalmente pelas ciências naturais do século XXI, o século das luzes; esse modelo alcança as ciências sociais emergentes.

No modelo da racionalidade conseguiu articular experimento e observação mesmo sem o uso de instrumentos e técnicas que, no passado, não existia por ser um mundo fechado sem um vasto conhecimento dos quais surgiram com a ciência moderna.

Sendo que o paradigma moderno é também científico, pois, considera como conhecimento verdadeiro científico, fragmentador, quantificador e ampliador, Nunes (2003).

Nesse interim, o modelo de racionalidade, segundo Santos (2008), passa por uma crise profunda e irreversível, também resultados das diversidades de condições sociais e teóricas. Quanto à justificativa social para a crise desse paradigma se baseia no sistema de pensamento científico direcionado ao poder político econômico, onde as ciências toraram-se uma imensa industrialização, ou seja, meio de comércio no referido paradigma em que as ciências tinham interesses específicos. Chega o fim decisivo entre ciências naturais e ciências sociais, entre o conhecimento científico e o senso comum.

A crise foi a principal causa para o fim do paradigma moderno, tal crise é resultado de uma pluralidade de condições, as quais podem ser distintas entre

condições sociais e teóricas. A crise deste paradigma permitiram grandes especulações sobre como será o paradigma emergente (SANTOS, 2010).

O Novo Paradigma, denominando como Paradigma Emergente, foi delineado de forma especulativa como o próprio autor afirma; visão que é fundada nos sinais da crise do paradigma dominante. Boaventura de Sousa Santos o faz de forma diferente, a partir de uma síntese pessoal com a sua imaginação sociológica, conforme pode ser observado a seguir:

Não espanta, pois, que ainda que com alguns pontos de convergência, sejam diferentes as sínteses até agora apresentadas. Ilya Prigogine, por exemplo, fala da “nova aliança” e da metamorfose da ciência. Fritjof Capra fala da “nova física” e do Taoísmo da física, Eugene Wigner de “mudanças do segundo tipo”, Erich Jantsch do paradigma da auto-organização, Daniel Bell da sociedade pós-industrial, Habermas da sociedade comunicativa. (SANTOS, 2010, p. 36-37).

O autor indica que estamos vivendo uma revolução científica, mas o paradigma que surgira, além de científico ele deverá também ser social. Esse paradigma surge como uma forma libertadora, pois aproxima mais o sujeito de suas realidades.

Esse paradigma emergente é seguido de quatro teses segundo a concepção de Santos (2008):

- 1- Todo o conhecimento científico-natural é científico-social: a diferenciação entre ciências sociais e ciências da natureza perde a utilidade.
- 2- Todo o conhecimento é local e total: há uma constante especialização da ciência moderna, o que gera uma compartimentação do conhecimento e um reducionismo arbitrário. O paradigma emergente considera o conhecimento total, seja na totalidade universal de Wigner ou na totalidade indivisa de Bohm. Mas se é total, também é local e se alicerça em projetos cognitivos locais.
- 3- Todo conhecimento é autoconhecimento: somos a tradução um do outro e “o conhecimento científico ensina a viver e traduz-se num saber prático”.
- 4- Todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum: o conhecimento vulgar, o senso comum é o mais importante. Se a ciência

moderna foi pautada contra o senso comum, a ciência pós-moderna reconhece suas virtudes. Nas palavras de Santos (2010)

A ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em autoconhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida (SANTOS, 2010, p. 57).

O autor acredita que não se deve produzir algo só para se beneficiar, e sim para o bem de uma geração, ou seja, deve se produzir um trabalho que seja útil para algo ou alguém.

Dos paradigmas discutidos até aqui que foi o “Paradigma Dominante” e o “Paradigma Emergente”, nota-se que o paradigma emergente é o que mais se apropria desta pesquisa, pois a Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos, é um tema de grande relevância para uma sociedade, onde existe grande porcentagem de pessoas não alfabetizadas, as quais lhes foram negados direitos constitucionais básicos como os direitos de aprendizagem. Assim, o paradigma emergente nos permite condições de discutir essa temática porque é um modelo voltado para o social, onde não se tem uma única verdade como absoluta.

Das teses apresentadas anteriormente, as que mais se encaixa nesta pesquisa é a tese 2 “Todo Conhecimento é local e total” e a tese 3 “Todo conhecimento e autoconhecimento”.

Em todo conhecimento é local e total, acredita-se que essa tese se encaixa nesta pesquisa porque se entende que uma história pode mudar o mundo, pois podemos trabalhar vários conhecimentos, sendo utilizados em outros contextos de origem. Sabendo-se que há muito conhecimento válido na sociedade em que muitas pessoas são excluídas e não tiveram o direito de expandir e ficaram presas no seu ego por não terem oportunidades de estarem desenvolvendo seus saberes com outras pessoas, onde lutam pelos seus saberes e são injustiçados por uma sociedade injusta.

Já a tese todo conhecimento é autoconhecimento deixa claro que o tema escolhido tem muita relação com as nossa trajetória, o que realmente é de fato, pois ao escolher o tema desta pesquisa me deparei com pensamento em minha família, na qual tem pessoas que não são alfabetizadas em especial a minha mãe, que

dentre nove irmãos só dois sabiam escrever seu próprio nome, sendo uma tese que busca muito a realidade do sujeito.

3.2 Abordagem de Pesquisa e dispositivo de produção de dados

A referida pesquisa se constitui enquanto qualitativa, pois segundo Silva & Menezes (2000, p. 20), “[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Desta forma, a pesquisa é de cunho qualitativo, pois tem uma relação direta com o real e o sujeito e, conforme anunciado por Silva & Menezes (2000, p. 20).

A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados é básica no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Além disso, esta se configura como pesquisa de campo de campo, pois, é caracterizada por investigações que somadas as pesquisa bibliográficas e/ou documentais, se realiza coletas de dados junto a pessoas, ou grupo de pessoas com o recurso de diferentes tipos de pesquisa. Strauss e Corbin (1998, p.10-11) conceituam pesquisa qualitativa como:

Qualquer tipo de pesquisa que produz descobertas não obtidas por procedimentos estatísticos ou outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções, sentimentos, assim como funcionamento organizacional, fenômenos culturais e interações entre as nações (...) e a parte principal da análise é interpretativa. (STRAUSSE & COEBIN, 1998, p. 10-11).

Observando-se a pesquisa qualitativa, nota-se que ela tenta compreender a totalidade de fenômeno, mais do que se focalizar em conceitos específicos, onde possui poucas ideias preconcebidas e salienta a importância das interpretações dos eventos mais do que a interpretação do pesquisador. BAUER; GASKELL (2008) afirmam:

Toda pesquisa qualitativa, social, empírica, busca a tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial, mas, sobretudo, objetiva conhecer a maneira como as pessoas se relacionam com seu mundo (BAUER; GASKELL, 2008).

Ao invés de estatísticas, regras e outras generalizações, a qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações. Ela não busca controlar o contexto da pesquisa, e, sim captar o contexto em sua totalidade, analisando as informações narradas de uma forma organizada, mas intuitiva. Minayo (2014) afirma:

A pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014, p,26).

Conforme salienta Minayo (2014), esta pesquisa não poderia ser de outra abordagem senão a qualitativa, pois números e estatísticas não são capazes de dar conta de uma realidade cruel alicerçada por um universo de significados. O estudo sobre a alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas ultrapassa a mera quantificação e implica em negação de direitos, implica no negligenciamento do Estado, implica, sobretudo, em cidadania negada.

Como o sentido desta pesquisa é compreender os sentidos da alfabetização para os sujeitos não alfabetizados ou pouco escolarizado do bairro Cajueiro em Amargosa-BA, ela pode ser considerada de natureza exploratória. A escolha desse tipo de pesquisa se deu porque esta busca por meios e critérios de uma proximidade com a realidade do objeto estudado, sendo que não se tem ainda muita informação sobre o tema pesquisado, assim busco proporcionar maior intimidade com o problema de pesquisa em vista de criar maior hipótese.

Para a produção dos dados, foi utilizada como dispositivo a entrevista semiestruturada que é considerada uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas. Trata-se de uma conversação dirigida a um propósito definido que não é a satisfação da conversação em si, pois esta última é mantida pelo próprio prazer de estabelecer contato sem ter o objetivo final de trocar informações, ou seja, diminuir as incertezas acerca do que o interlocutor diz (HAGUETE, 2001; LODI, 1991).

Desta forma, a entrevista semiestruturada foi realizada com dois moradores do bairro Cajueiro, na cidade de Amargosa-Ba. As entrevistas foram realizadas com base em um roteiro de questões que permitiram plasticidade para o entrevistador e o entrevistado. De acordo com Mazini (2003):

A entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. [...] esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas (MANZINI, 1990/1991, p. 154).

A entrevista semiestruturada como recurso de estudo permite ao pesquisador um diálogo como o entrevistador buscando compreender a opinião do sujeito em relação a uma determinada realidade vivenciada. O desenvolvimento dessa pesquisa foi baseado na realização de entrevista de dados importantes para estabelecer o diálogo entre um entrevistador e o pesquisador, bem como obter informações objetivas e subjetivas sobre o tema pesquisado. Nesta pesquisa a opção foi a entrevista semiestruturada que compreende um roteiro pré-elaborado para a produção de informações necessárias e relevantes para o trabalho investigativo.

Assim, a entrevista foi realizada, na casa dos indivíduos, após contato com os mesmo e eles salientarem que preferiam ser em suas casas, foi utilizado um roteiro com algumas questões previamente elaboradas que está disponível em anexo desta pesquisa, com auxílio de um gravador para melhor produção dos dados.

3.3 LOCUS E SUJEITOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida na cidade de Amargosa-Ba, no bairro Cajueiro. A escolha por esse bairro se deu porque desde os dez anos de idade resido no bairro e conheço muitas pessoas da EJA que estão em andamento e outros que desistiram.

Amargosa é um município brasileiro do estado da Bahia, localizado na região do vale do Jiquiriça, e na Microrregião de Jequié. Sua população, conforme estimativa do IBGE de 2022 era de 36.260 habitantes. A cidade é conhecida como cidade jardim, devido aos belos jardins que podem ser visto nas praças, Lourival Montes, Iracy Silva e Yolanda Pires. Além disso, a região onde a cidade está localizada possui uma série de atrativos como cachoeiras e as Serras da Jiboia, do Timbó e da Tartaruga. Abaixo uma imagem de umas das praças da cidade.

Imagem 1: Praça do Bosque na cidade de Amargosa-BA



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Amargosa

O bairro do Cajueiro era um bairro que possuía poucos habitantes, pois havia terrenos onde a população faziam pequenas plantações de mandiocas, batatas e feijão. Com o passar do tempo o mesmo foi se desenvolvendo onde hoje se encontra bastante habitantes, onde encontramos mercados, igrejas, escola, bares, barbearia, praças entre outros. Abaixo imagem de uma parte do bairro.

Imagem 2: Bairro Cajueiro na cidade de Amargosa-Bahia



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Quanto aos sujeitos entrevistados foram dois moradores do bairro os quais serão chamados de Teresa e Anderson, para garantir o anonimato dos entrevistados. Assim, o contato foi através de convites, os quais aceitaram prontamente. Após o aceite foram marcadas as datas e local específicos para a realização das entrevistas. O primeiro momento foi realizado a entrevista com dona Teresa, moradora antiga do bairro e o segundo com Anderson um jovem do bairro. A escolha pelos dois entrevistados se deu porque tenho um carinho muito grande por

eles, admiro suas trajetórias de vida embora muito difíceis seus percursos até aqui, o desejo foi eternizar as suas trajetórias de vida por meio da pesquisa científica. Duas pessoas com idades diferentes que caminham os mesmos trajetos e com os mesmo sonhos interrompidos.

Dona Teresa, uma senhora de 73 anos, nasceu na zona rural de Amargosa chamada de Pau Ferro, se mudou para cidade ainda adolescente, uma senhora negra, mãe e avó dona de um sorriso encantador, sendo a mais nova de nove irmãos, a única do sexo feminino. Mãe de seis filhos, dona de casa hoje aposentada, viúva. Dona Teresa veio de uma família pobre, isso foi um dos principais motivos que a deixou fora da escola, pois havia a necessidade de ajudar nas tarefas de casa e nas atividades da roça para o sustendo da família.

Anderson, um jovens de 25 anos, morava na zona rural de Amargosa chamada de Itachama, perdeu a mãe cedo com seis anos de idade, onde após o ocorrido passou a morar com sua avó materna e posteriormente a mesma faleceu. Então aos sete anos veio para a cidade de Amargosa e passou a morar com o pai e a madrasta, foi bem recebido pelos mesmos. Um jovem que não teve infância como vê as crianças tendo hoje teve que trabalhar desde cedo para não dá pra “ruim”, (assim dizia seu pai). Aos 16 anos começou a trabalhar como ajudante de caminhoneiro e colocou na mente que gostaria de ser motorista, pois simpatizou com a profissão. Estudou apenas até 6ª série, pois não dava para conciliar trabalho e estudo, o mesmo pensa ainda em um retorno a escola.

Para a análise de dados, foi feita uma leitura bem atenta das respostas e priorizadas as informações mais importantes de modo a atender os objetivos da pesquisa. Assim, os dados produzidos junto aos colaboradores foram categorizados e analisados, com base nas teorias mobilizadas neste trabalho de modo a contemplar a questão apresentada. As categorias estão alicerçadas em três que são trajetórias, sujeitos e sentidos da alfabetização e agrupadas em dois blocos: o primeiro destacando os sujeitos pouco escolarizados e suas trajetórias de vida/escolarização e, o segundo, evidenciando o aprendizado da leitura e da escrita sob a percepção dos sujeitos pouco escolarizados.

4 ENTRE AS VOZES DOS SUJEITOS E AS TEORIAS ESTUDADAS: TRAJETÓRIAS, SUJEITOS E SENTIDOS DA ALFABETIZAÇÃO.

Considerando o objetivo geral da presente pesquisa, qual seja compreender os sentidos do aprender ler e escrever para as pessoas não alfabetizadas ou pouco escolarizadas do bairro do Cajueiro do município de Amargosa-BA, este capítulo se dedica a análise da realidade explicitada nas narrativas de dois moradores do bairro Cajueiro da cidade de Amargosa. Assim, pautada nas categorias aqui delineadas dois tópicos são contemplados neste capítulo, na intenção de refletir e analisar as narrativas dos colaboradores, estabelecendo estreita interconexão com as teorias priorizadas neste estudo.

4.1 Sujeitos pouco escolarizados e suas trajetórias de vida/escolarização

Quando pensamos na memória relembramos coisas do passado que ficaram gravados em nossa vida, as lembranças, as ações que estão inseridas em nossas histórias, que fazem parte de nós, nos acompanham desde o dia que surgiram em nossa vida e nos acompanharão até quando tivermos memória.

As lembranças ficam gravadas na memória porque são significativas, pois a partir delas surge aprendizado, algo que marcou nossa história. No momento que relembramos nos conscientizamos de nossas vivências como descreve Josso (2004, p, 414).

[...] o que está em jogo neste conhecimento de se mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite a pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto orientação possível, que articule de uma forma mais consciente a suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar para ser um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade.

O que o autor afirma pode ser evidenciado nas falas dos entrevistados/os quando perguntado sobre suas trajetórias de vida, como foi sua infância, sua adolescência e as respostas estão sinalizadas nas narrativas a seguir:

Eu nasci na zona rural de Amargosa. Tive uma infância simples e humilde, mas repleta de amor e muita ligação com a natureza. Cresci em uma família numerosa de oito irmãos mais velhos, e tínhamos uma forte união. Me lembro de brincar ao ar livre por horas a dentro, explorando as redondezas, subindo em árvores e construindo cabanas improvisadas. Nossa casa era modesta. Meus pais trabalhavam duro para sustentar a família e nos ensinavam valores importantes, como respeito, honestidade e trabalho duro. Eu e meus irmãos aprendemos a valorizar o que tínhamos e a ser gratos pelas pequenas coisas da vida e que nos faziam felizes. À medida que cresci, virei adolescente, foi um tempo repleto de mudanças e descobertas emocionais. Pensando sobre minha vida, me sinto grata pelas experiências que tive. As lembranças da minha infância e adolescência, com muita simplicidade, amor e amizade, são tesouros preciosos. Elas me ajudaram a ter uma perspectiva de vida baseada em valores sólidos e em uma ligação com o mundo natural. Com 73 anos, olho para trás com um sorriso e uma sensação de realização. A vida trouxe suas alegrias e desafios, mas cada situação vivida contribuiu para a minha formação pessoal e enriqueceu minha trajetória de vida. Sou grata por tudo o que vivi e pelos momentos que me transformou em quem sou hoje. (Tereza, 2023).

Bem, minha vida não foi tão boa assim perdi minha mãe cedo e fiquei morando com minha avó no distrito de Itachama município de Amargosa, ate que ela também se foi então, vim para a cidade de Amargosa morar com meu pai e minha madrastra onde fui bem recebido. Não tive infância como hoje vejo as crianças brincarem, e na adolescência já trabalhava para não dar pra ruim, assim dizia meu pai. Aos 16 anos comecei como ajudante de caminhoneiro e coloquei na mente que queira ser motorista por se simpatizar com a profissão. (Anderson, 2023).

Para conhecermos alguém temos que aprender a ouvir sua historia de vida para, a partir dela, compreendermos quais as conquistas, as angustias e as decepções que fizeram parte de sua trajetória. As trajetórias dos colaboradores da pesquisa revelam as lembranças guardadas de uma vida bem sofrida, porém felizes. As memórias que Teresa e Anderson revelam são fatores que contribuíram para a história de vida deles, tornando-lhes protagonistas de uma experiência. É notável que mesmo que eles vivam as mesmas situações de outras pessoas, sempre haverá diferenças nas percepções, pois, todos nós somos seres únicos e com identidades próprias. Sobre isso Larrosa (1994) relata:

[...] a própria experiência de se não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam discursos que definem a verdade do sujeito as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui na própria interioridade. (LARROSA, 1994, p.43)

Contar uma história é revivê-la, é emocionar-se, é trazer para aquele momento; o tempo que ficou retratado na memória, e é desta forma que busco analisar as experiências vividas por Teresa e Anderson, trazendo a sua história para

a nossa história, deixando com que cada indivíduo apresente-se através de suas lembranças. Para Silva (SILVA, *et al.* , 2007, p. 31) “a experiência de relatar sua história de vida, oferece à aqueles que a conta uma oportunidade de (re)experimentá-la, re-significando sua vida”.

Quando descrevem suas histórias, os indivíduos revivem suas trajetórias. Josso (2010, p.130) destaca que através do texto biográfico, os sentimentos e emoções veem à tona, revivemos os momentos passados e apreendemos com aquilo que vivemos.

Quando perguntado aos entrevistados/as fale um pouco sobre o seu processo de escolarização, como foi? Quais os desafios enfrentados e os motivos que impossibilitaram a sua permanência na escola na infância. Tivemos como resposta:

Na minha época, nem todos poderia estudar principalmente quem morava na zona rural onde cresci. Minha família não tinha condições financeiras e, a falta de oportunidades foi um dos principais motivos que impediu minha ida a escola durante a infância. Quando eu era criança, havia uma necessidade de ajudar nas tarefas de casa e nas atividades da roça, era o sustento da família. Como isso não pôde frequentar a escola. A educação formal naquela época era considerada um luxo que poucos podiam desfrutar. Lembro-me de momentos em que ficava triste por não ter tempo e oportunidade para estudar. Eu tinha um desejo grande de aprender a ler e escrever e aumentar meus conhecimentos, mas as circunstâncias da vida limitavam minha capacidade de fazer isso. Mesmo com esses desafios, tive a sorte de receber alguns níveis de instrução básica, sempre buscava conhecimento por conta própria. Minha educação formal possa não ter sido como eu desejava, eu nunca deixei de buscar conhecimento e crescimento pessoal ao longo da vida. Apesar dos obstáculos enfrentados, busquei oportunidades de aprendizado nas diferentes experiências da vida e continuei a valorizar a educação como algo de muita importância para o desenvolvimento do ser humano. (Tereza, 2023).

Meu processo de escolarização foi muito pouco ia pra escola mais para brincar, porque não tive liberdade em casa, sempre via as crianças de minha rua correr na chuva, brincar de pega-pega entre outras brincadeiras, mas eu tinha que trabalhar. Aprendi o suficiente para saber viver na vida. O maior desafio era matemática, que me deixava com dor de cabeça, as outras matérias apesar das dificuldades dava pra encarar. Então tive que parar de estudar porque não podia trabalhar e estudar ao mesmo tempo, pois viajava muito como ajudante de caminhoneiro com meu pai, dos seis filhos de pai eu era o único homem. Com o tempo me tornei motorista, por isso tive que abandonar meus estudos na sexta serie e nessas viagens de trabalho, conheci minha companheira onde temos um filho e assim tive que trabalhar dobrado para da o meu filho, o que eu não tive lá atrás. (Anderson, 2023).

Nota-se que a desistência dos estudos foi decorrente da desestrutura familiar, é possível identificar que a educação para ele/a era a que se tinha em casa, o importante era ter o emprego e desta forma sobreviver, observa-se que a visão de que a educação transforma e abre caminhos para a mudança não estava presente em seus cotidianos.

Os sujeitos desta pesquisa são frutos da desigualdade social; das dificuldades financeiras; de famílias numerosas; que não tiveram condições de trabalhar e estudar e que ignoravam a escola como oportunidade de crescimento que ainda foram inseridos precocemente no mundo do trabalho que pularam etapas mais conseguiu vencer na vida e provarem que são capazes para si e para aqueles que lhe privaram de estudar.

Fica evidente nas narrativas de Teresa e Anderson, que um dos fatores que causaram o distanciamento da escola durante a infância ou adolescência foi atribuído à realidade econômica e à necessidade de sobrevivência, que sobressaía ao conhecimento escolar e à preparação para o futuro, ou seja, a realidade de que para viver era necessário trabalhar e ajudar no sustendo da família.

Fica claro, nos relatos que o trabalho infantil definiu a vida dos sujeitos desta pesquisa. A luta pela sobrevivência era a principal razão para o abandono da escola e a entrada ao mundo do trabalho precocemente. A divisão pelo trabalho, motivada pelo capitalismo e pela de desigualdade social, foi determinante para que crianças fossem afastadas das escolas, como se constata a seguir:

O trabalho infantil está presente desde a Revolução Industrial. O surgimento da máquina, comandando e substituindo o trabalho realizado pelo trabalhador, e a extrema concorrência entre empresários que procuram produzir mais com menor custo, vão possibilitar o aparecimento de emprego mão de obra infantil. (COSTA e CALVÃO, 2005, p.135).

O mundo do trabalho não abre espaço para a infância, anula etapas e faz com que a criança torne-se adulto antes mesmo de ser criança, antes de brincar, de imaginar, de criar. Toma a criança como mini adulto e faz com que tenha responsabilidades no momento em que está se descobrindo, conhecendo e explorando o mundo. A criança não frequentar a escola e impenhida de participar de um importante meio tanto para compreender o mundo, a si mesmo e aos outros, quanto para expressar essa compreensão.

Se o trabalho infantil, por um lado, compromete seriamente o desenvolvimento físico e intelectual da criança, por outro, impetra a morte da vida infantil, ou seja, inviabiliza o viver a infância, o que revela uma das muitas contradições da ordem vigente. (COSTA e CALVÃO, 2005, p.131).

Deve-se entender que a criança que trabalha deixa de participar daquilo que é essencial para seu conhecimento e crescimento, como ficou evidente nos relatos de Teresa e Anderson, onde tiveram que trabalhar e perderam a oportunidade de uma formação qualificada.

Freire (2000) destaca que a aprendizagem é fundamental por proporcionar oportunidades expressivas e individuais, atuando como parte integrante de um projeto amplo e com possibilidades. Assim, os sujeitos da EJA trazem consigo experiências e vivências singulares, muitos enfrentando barreiras e sentimentos de exclusão do sistema educacional tradicional. A alfabetização se torna um processo de resgate da autoestima e da confiança, permitindo que esses indivíduos reconheçam sua capacidade de aprender e se desenvolver. Por meio da leitura e escrita, eles se tornam capazes de expressar suas ideias, opinar, participar ativamente na sociedade e exercer plenamente sua cidadania.

Seguindo tudo que foi apresentado até aqui, pedimos aos entrevistados para falarem um pouco sobre o seu contexto de vida atual e assim questionamos: o que você faz atualmente? Sente falta da leitura e da escrita? Se tivesse possibilidade de retornar, retornaria? E obtive como resposta.

Hoje em dia, tenho uma vida tranquila e simples. Apesar de não ter tido uma educação formal, procurei sempre me envolver em atividades que me trazem satisfação e me permitem continuar aprendendo, crescendo e valorizando o conhecimento adquirido através da experiência de vida e das ligações com as pessoas ao meu redor. Mesmo sem uma educação formal, tentei compensar essa falta de outras maneiras. Sempre me mantive informada sobre as coisas do mundo através da televisão, rádio e conversas com amigos e parentes. Acompanho as notícias e tento andar por dentro dos acontecimentos. A leitura e a escrita, sempre foram importantes para mim, mesmo que eu não tenha tido a oportunidade de aperfeiçoar. A leitura ainda é um grande desafio pra mim com a idade avançada, tenho muitas dificuldades de decorar algumas letras e isso às vezes atrapalha a minha leitura, a porta da oportunidade que tanto desejei só veio ser aberta quando eu não tinha mais esperanças. E com as limitações do corpo pela idade, fica mais difícil ainda. A minha escrita, apesar de não ter tido a chance de aprimorar, ainda encontro maneiras de mostrar meus pensamentos pelas palavras. De vez enquanto, escrevo pequenas anotações ou cartinhas para familiares. Apesar de não ter uma escrita tão boa e não saber fazer um texto normal, a escrita continua sendo uma forma pessoal e uma maneira de me comunicar com minhas ideias. Acredito que nunca é tarde para aprender e ter novos conhecimentos. Mas também entendo que cada fase da vida tem suas próprias limitações e responsabilidades, e é importante fazer o melhor com o que temos ao nosso

favor. Não fico me lamentando porque não pude alcançar a educação formal, prefiro valorizar as oportunidades que tive e as habilidades que construí ao longo dos anos. Sempre procuro aprender e crescer, aproveitando as oportunidades e os aprendizados que surgem em meu caminho. Eu aprendi que o conhecimento não é só apenas pelos estudos formais, mas pode ser conquistado de muitas maneiras diferentes. Valorizo muito as experiências de vida, as histórias divididas por pessoas mais jovens e mais velhas, e o poder de aprender uns com os outros. Mesmo sem a educação formal completa, sinto que a minha vida ainda é rica em conhecimentos e de aprendizado todos os dias. (Tereza, 2023).

Atualmente sou uma pessoa que trabalha muito e gosto do que faço, sou motorista e gosto muito da minha profissão, faço meus fretes e ainda ajudo meu pai com seu trabalho na roça de matar porco e todo final de semana levo ele ao nosso sítio que fica na zona rural de Itachama. Mas sinto muita falta da escola e gostaria de aprender mais a ler e escrever, e com as experiências de vida que tenho a leitura e a escrita é muito importante na vida de uma pessoa. Pois eu bem sei que a falta que um bom estudo faz diferença na vida de uma pessoa. (Anderson, 2023).

Como vimos, em muitos casos adiar a formação para entrar no mercado de trabalho é a prática que mais observamos o que leva muitos sujeitos em um projeto profissional incerto para a juventude das classes menos favorecidas pela sociedade. Nesse ponto, temos que concordar com Pochmann (2007) quando afirma que para as classes médias e altas da sociedade, o tempo de escolaridade é bem mais longo e o ingresso no mercado de trabalho acontece após o ensino superior, enquanto que para as classes populares esse ingresso se faz mais cedo, em trajetórias ocupacionais incertas, ou seja, “[...] o mercado de trabalho termina reproduzindo a desigualdade observada na transição do sistema educacional para o mundo do trabalho, que ocorre em momentos distintos para uns e para outros” (2007, p.14).

Nas falas de Teresa e Anderson, podemos notar o quanto eles lamentam pela oportunidade perdida, mais ao mesmo tempo se exalta que mesmo ficando longe do contexto escolar isso não foi um empecilho para eles desistirem de ter conhecimento. É notório que eles não relacionam a aprendizagem apenas ao aprendido na escola, eles não ignoram o fato de que se aprende constantemente e que cada atividade que se pratica no cotidiano são aprendizagens e experiências trocadas. Ceroni (2011), destaca que a aprendizagem é uma necessidade de ser humano e ocorre independente da escola; a educação se dá ao longo da vida.

Sabemos que os estudantes do EJA, trazem bagagens de aprendizagens, experiências e vivências, tudo o que passaram em suas trajetórias são momentos

ricos de conhecimento. A diferença é que não sentaram nos bancos escolares para conhecer as técnicas educacionais, não tiveram oportunidade de montar contas de divisão com as regras formais, aprendidas na escola, mas fazem “cálculos de cabeça” pela necessidade que a vida lhe impôs, conforme destaca Santos (1996).

Há diferentes formas de conhecimento: não há um saber em geral, nem ignorância em geral. Sabemos algo de um certo sistema de conhecimento. O conhecimento é sempre a trajetória de um ponto de ignorância específico para um ponto de saber específico. E, portanto, há diferentes ignorâncias como há diferentes formas de saber (SANTOS, 1996, p.1).

Os entrevistados embora sintam falta da escola, em momento nenhum menosprezam suas aprendizagens de vida, levam sempre em conta quanta coisa aprenderam para sobreviver, e que os saberes que tiveram fora da escola foram valorizados.

Na fala de Anderson, podemos notar que ele sente falta da escola, e admite ter dificuldade com a leitura e a escrita. Sabemos que retornar à escola significa reconquistar o tempo passado; significa superar as dificuldades, vencer os medos. A decisão de retornar à escola não é uma escolha fácil. A entrada em um novo ambiente, agora muito diferente daquele em que conhecia ou imaginava, conhecer novas pessoas, novas aprendizagens. Segundo Rummert (2005):

[...] apesar de todas as dificuldades cotidianas, ainda veem a escola com o olhar da esperança. Esperança de “alcançar um nível melhor perante a sociedade”; de obter “conhecimento para poder lutar pelos direitos”; de tornar-se “o exemplo da família”; de melhor compreender a vida. (RUMMERT, 2005, p.118).

Reencontrar os bancos escolares, na idade adulta é uma decisão muito importante, é a mostra de que de fato esses indivíduos venceram e quebraram as barreiras, superaram os medos e mantiveram a esperança.

4.2 O aprendizado da leitura e da escrita sob a percepção dos sujeitos pouco escolarizados

Com base nos desafios relatados pelos entrevistados no decorrer de suas vidas, o retorno à escola iria refletir na sua qualidade de vida, aumentando sua autoestima, ampliando seus conhecimentos e melhorando a sua forma de socializarem, tornando este um caminho favorável a inclusão. Entretanto, aprender a ler e escrever ainda são desafios para esses sujeitos pouco escolarizados de não

possuírem estímulos e nem tempo para estudarem, além de outros fatores que dificultam seu aprendizado. A escola precisa dá oportunidade a esses sujeitos e o aprendizado da escrita e da leitura são recursos indispensáveis ao desenvolvimento desses indivíduos como cidadãos, transformando-os em sujeitos críticos e atuantes na sociedade, pois, a aprendizagem da leitura e escrita proporciona essa inclusão diante dessa realidade e é de extrema importância que todos tenham o direito de serem alfabetizados, pois, quando adquirem novos conhecimentos conquistam a autonomia. Nessa direção, Freire (2001, p, 23), na obra *Pedagogia dos sonhos possíveis* destaca que o processo de alfabetização válido entre nós “[...] é aquele, que [...] não se satisfaz apenas [...] com a leitura da palavra, mas que se dedica também a estabelecer uma relação dialética entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, a leitura da realidade”. Com base nessa citação os entrevistados responderam a seguinte questão, você considera o aprendizado da leitura e da escrita importante para a vida social e Por quê?

Sim, considero o aprendizado da leitura e da escrita muito importante para a vida. Essas habilidades são muito importantes para se comunicar, para participar ativamente da sociedade, tomar decisões sem precisar da ajuda de outras pessoas e buscar o crescimento pessoal. Com todos os desafios em não ter completado meus estudos fundamentais, valorizo muito a importância da leitura e da escrita e tento aproveitar as oportunidades para continuar aprendendo ao longo da vida. (Tereza, 2023)

Sim, porque muitas vezes a gente se sente discriminado e inferior às outras pessoas por não ter continuado na escola e saber falar igualmente a eles. O aprendizado da leitura e da escrita é importante para a vida de todo mundo, independentemente da idade, da condição que a pessoa tem ou da situação escolar. Eu entendo que nem todos têm a oportunidade de ter uma educação regular, aprender a ler e escrever também nos ajuda a lutar e correr atrás dos nossos direitos e tomar nossas próprias decisões. Quando a gente não tem essas habilidades, nos sentimos limitados em nossa capacidade de agir e participar da sociedade, e é importante saber que nunca é tarde para aprender. (Anderson, 2023).

Diante dessas respostas, podemos observar que os entrevistados por mais que não tenham ou tiveram a oportunidade de se aprofundar no aprendizado da leitura e da escrita, o acesso à educação desde a infância teria proporcionado a esses entrevistados uma base sólida de conhecimento e habilidades. Pois teria aprendido a ler e escrever, e abriria um mundo de possibilidades. A leitura permitira o acesso a uma vasta gama de conhecimentos, permitindo que eles explorassem diferentes fontes de conhecimentos e ideias, já com a escrita eles seriam capazes de se expressar de maneira clara e coerente, compartilhando suas ideias,

pensamentos e emoções com os outros.

Observa na nos relatos dos entrevistados eles acreditam que o ensino da linguagem escrita é um saber historicamente atribuído à escola, mais isso não impede que as pessoas as quais não tiveram acesso a escola, sejam incapaz de se desenvolverem, apresentam de fato que sentem grande falta da escrita e da leitura mais aprofundada mais se orgulha pelo processo que os levam até aqui.

A leitura é uma ferramenta de libertação e empoderamento. (Malala Yousafzai (2013). ressalta a importância da leitura como uma ferramenta poderosa para a libertação e autonomia, através da leitura, expandimos nossa visão de mundo, nos comunicamos de maneira eficaz, desenvolvemos uma compreensão mais profunda de nós mesmos e do mundo ao nosso redor, questionamos as estruturas de poder abrir caminhos para o crescimento pessoal e profissional, de fato, a leitura é a chave para a liberdade e uma fonte inesgotável de conhecimentos. Freire (1993) relata que, escrever é um ato de criação e expressão, uma forma de se fazer ouvir e se colocar no mundo, através da escrita, pode ser criativa, expressar nossas ideias e experiências, participar ativamente da sociedade e desenvolver uma compreensão mais profunda de nós mesmos. A escrita é uma ferramenta que nos conecta com os outros, possibilitando construir pontes entre diferentes perspectivas, promovendo a compreensão, a transformação e a construção de um mundo mais inclusivo e consciente.

Com base nessas citações foi indagado aos entrevistados sobre a sua percepção, como seria sua vida se tivesse tido oportunidade de estudar desde a infância e se apropriado da leitura e da escrita? E o porquê? Apesar de não terem tido uma formação escolar regular as respostas foram:

Acredito que minha vida teria sido enriquecida de várias maneiras. A leitura teria expandido meus horizontes, me permitindo ter um conhecimento melhor do mundo. Eu teria lido vários livros de romance e de receitas. A escrita teria me dado a oportunidade de me expressar de forma pessoal e criativa. Eu poderia ter mostrado minhas idéias, experiências e histórias pela escrita. Ela também teria me permitido organizar meus pensamentos de maneira mais clara. Eu poderia ter seguido alguma carreira, como ser professora que na minha época todas as meninas queriam se formar em magistério pra da aula, ou qualquer outra carreira de meu interesse. Sem contar que com as experiências eu ia saber fazer contas mais difícil de cabeça, mais apesar das oportunidades perdidas, cada caminho de vida traz consigo as próprias experiências e aprendizados valiosos. Mesmo sem eu ter uma educação formal completa, ganhei conhecimentos e sabedorias com as experiências vividas, das pessoas que conheci e das lições aprendidas ao longo dos anos. Eu posso imaginar como minha vida teria sido diferente com uma educação mais completa, valorizo e guardo as experiências e conhecimentos que aprendi em minha trajetória. (Tereza,

2023).

Talvez tivesse sido melhor, eu poderia ter tido outra profissão menos arriscada, porque vida de motorista é difícil e perigosa. A gente sai de casa e nunca sabe se volta, por mais que a gente seja prudente sempre existe aquele imprudente que atravessa nosso caminho sem contar com os roubos que acontecem nas estradas a fora. Além do mais a leitura e a escrita ia me proporcionar melhores oportunidades de vida. Eu teria frequentado à escola, onde poderia aprender sobre uma variedade de coisas. Através do aprendizado da leitura e a escrita, eu teria a capacidade de me comunicar com os outros de maneira mais fácil. Eu teria um desenvolvimento pessoal mais amplo, com conhecimentos diversos e uma compreensão melhor do mundo. (Anderson, 2023)

A leitura e a escrita são duas habilidades complementares e interdependentes que desempenham um papel fundamental em nossa jornada de aprendizado e desenvolvimento pessoal. Quando combinadas, essas duas práticas se tornam uma poderosa ferramenta para a expressão, o crescimento intelectual e o engajamento social. Ao explorar o mundo da leitura e da escrita, abrimos portas para uma infinidade de possibilidades e oportunidades de transformação. Nota-se que os entrevistados, mesmo sem um amadurecimento educacional, entenderam a grande importância que a escrita e a leitura tem, e como a falta desse casamento na vida dele/a fizeram grande falta, ou seja, os limitaram só as experiências da vida vivida.

Freire (1970), ressalta que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. É na alfabetização científica e política que as palavras se tornam verdadeiramente significativas como expressões do mundo, essa citação destaca a importância de compreender e interpretar o mundo ao nosso redor antes de compreender as palavras. Freire enfatiza que a leitura e a escrita têm um propósito maior quando estão enraizadas em uma compreensão mais ampla da realidade e quando são usadas para refletir sobre e transformar o mundo.

A interação entre leitura e escrita é simbiótica. Quanto mais lemos, mais nos aprimoramos na escrita. Portanto, ao abraçarmos a leitura e a escrita, nos presenteados com a oportunidade de ampliar nossos horizontes, desenvolver nossa criatividade, fortalecer nossa expressão pessoal e participar ativamente do mundo ao nosso redor. Essas duas habilidades trabalham em conjunto para nos capacitar, inspirar e nos conectar com outras pessoas. Através da leitura e da escrita, expandimos nossos limites, deixamos uma marca duradoura e continuamos a trilhar o caminho do aprendizado e do crescimento ao longo de toda a nossa vida.

É notável, nos relatos de Teresa e Anderson, que a vida sem a presença da

educação escolar, torna-se incompleta pela carência desse ambiente necessário para a formação do ser humano; sobreviver é o foco desses sujeitos que desde cedo tiveram que batalhar para ter o que comer e onde dormir. São histórias tristes, porém através delas podemos perceber que a escola ainda possui um importante papel principalmente para o entrevistado Anderson que sente falta da escola.

Através dos relatos, podemos perceber que os entrevistados não se vitimizam por suas histórias de privações, ao contrário, mostram-se fortes para enfrentar os desafios que lhes forem propícios e lamentam algumas oportunidades que lhes foram negadas por não ter o direito garantido da alfabetização. É certo que trazem marcas de vida, destacando o que acreditam que os tenham fortalecido, e fizeram com que sejam vitoriosos.

Verifiquei nas entrevistas que o fator relevante para a desistência da escola para estes indivíduos foi a realidade econômica, que fez com que a deixassem, ou nem mesmo frequentassem uma escola, para ajudar em casa, ou trabalhar para poder ajudar aos pais. Desde cedo tiveram que trabalhar, e pularam a etapa mais importante da formação dos indivíduos, que é ser criança, perdendo a oportunidade de criar, de inventar, de imaginar e de brincar. Aprenderam muito, é claro, porque a vida é um lugar de aprender.

Portanto, os resultados apontam trajetórias sofridas pelos colaboradores, mas que não se vitimizam, ao contrário, mostram-se fortes para enfrentar os desafios, apenas lamentam as oportunidades que lhes foram negadas por não ter o direito garantido da alfabetização. Destacam a importância da alfabetização para a vivência social, principalmente para a promoção de melhor qualidade de vida e participação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lugar do Pedagogo é Onde Ele Quiser

*Vou agora apresentar como muita
satisfação
Onde atua o pedagogo com imensa
dedicação
Em lugares simples ou badalados
Veja a vida como é!
Lugar de pedagogo é onde ele
quiser.*

*Acredita que o curso forma um
profissional
Habilitado para atuar apenas com a
alfabetização
Sendo essa a principal área dessa
gingante profissão
Voltada para a docência, porém não é
só isso não.*

*O campo de trabalho é amplo e
vantajoso
São vários os caminhos que
percorre o pedagogo
É um trabalho arduo e desceite
Pois trabalhar com muita gente
Sendo em numa sala de aula ou em
lugares diferentes.*

*É obrigatório o estágio em um
ambiente escolar*

*Muitos que não optaram,
começaram a se identificar Desejoso
que o curso venha logo terminar
Para terem o prazer de seu
diplomar conquistar
E terem a oportunidade de se
profissionalizar.*

*Na educação infantil preparado ele
está
Não importa o desafio do qual vai
enfrentar
Vai encaminhar essas crianças para o
ensino fundamental
Sejam e creches, escolas públicas ou
mesmo particular.*

*Muitos são os pedagogos que em
uma escola querem atuar
Mais não tem afinidade para ser
professor e ensinar
Vou agora afirmar, que ele pode fazer
o que gosta
Ele tem espaço para trabalhar na
coordenação pedagógica.*

*Também cabe ao pedagogo também
está nos órgãos governamentais
Sejam eles municipais, estaduais ou
federalis*

Nas secretarias fiscalizando o cumprimento das diretrizes
Nas escolas ou presídios

Na elaboração de processo de políticas públicas de qualquer país.

A pedagogia hospitalar é uma nova modalidade

Que dá ao pedagogo uma oportunidade

De levar para essas crianças ou adolescentes

Que estejam internados se sentindo carentes

O acesso à educação mesmo longe da escola eles ficam interessados

E se vê logo a melhora.

Se existe um pedagogo no ambiente hospitalar

As crianças não serão prejudicadas em sua vida escolar

Serve até de terapia para as crianças se recuperar

Por isso digo: venha o que vier! Lugar de pedagogo é onde ele quiser.

Pedagogo também pode atuar nas forças armadas

Que é a área militar

Ele pode coordenar e planejar o recebimento dos alunos

E os instrutores selecionar

Na execução de provas como secretaria militar.

Na tecnologia, ele também pode estar lá

Nessa área o pedagogo pode assessorar

A equipe responsável que os jogos vão criar

Com cuidado e atenção nessa elaboração

Para que sejam adequados dos alunos que matriculados estão.

É extenso o ambiente onde o pedagogo pode atuar

Até mesmo em editoras, onde ele vai se responsabilizar

Na elaboração de matérias pedagógicas corrigir e analisar

Até livros infantis. Mais que prazer! Ele vai dá seu parecer.

Nas indústrias de brinquedos Lá o pedagogo está

Pesquisando e acessoriando os produtos a fabricar

De acordo com a faixa etária das crianças que vão brincar

Para evitar acidentes no ambiente escolar

Ou mesmo em sua casa em particular

*No lazer e na cultura ele pode atuar
Muita gente desconhecer
E não sabem valorizar*

*O trabalho do pedagogo nesses espaços culturais
Museus, bibliotecas, brinquedotecas, hotéis e muito mais
Por isso digo com convicção: Porque verdade é!
Lugar de pedagogo é onde ele quiser.*

*Vou agora finalizar, com muita determinação
O pedagogo e quem começa o preparo
Para todas as profissões*

Seja médico, advogados, juiz ou promotor

*Todos esses profissionais
Por um pedagogo já passou
Sendo ele Antônio, Maria, Joana ou José*

O lugar do pedagogo é mesmo onde ele quiser.

E assim vou encerrar a minha participação

*Agradeço ao pedagogo
Por essa gigante missão
Não serei diferente no futuro da nação*

*E assim agradeço de pé, o meu lugar o seu lugar pedagogo
É onde a gente quiser.*

*(Catarina Sampaio dos Santos,
Janeiro de 2021)*

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender os sentidos do aprender ler e escrever para as pessoas não alfabetizadas ou pouco escolarizadas do bairro cajueiro do Município de Amargosa-Ba. A pesquisa apresentou grandes contribuições desses sujeitos quanto a forma a qual pensam e repensam sobre os seus aprendizado e sobre o sentido do que seja a escola.

É válido salientar que a educação é um dos primeiros passos para melhorar a vida de uma comunidade e a Educação de Jovens e Adultos objetiva a transformação necessária do estudante para sua vida profissional, e, ainda, com a função de preparar jovens, adultos e idosos para uma nova realidade de vida que ele esteja inserido, buscando melhorar de forma progressiva a sua comunidade.

Os sujeitos entrevistados revelam em todo momento que sentem falta da escola, embora não se intimidam em dizer que essa ausência da escola não os impediram de buscar melhorias e novos saberes, mas a negação desse direito constitucional impossibilitou muitas conquistas ao longo das suas vidas. Mesmo sabemos que cada um tem seus saberes, seu modo de aprender e que todos somos capazes de produzir conhecimento independentemente da inserção ou não na escola, este ambiente é fundamental para a construção do conhecimento sistematizado e facilita o acesso dos sujeitos inseridos aos bens culturais produzidos historicamente pela humanidade.

Desse modo reafirmamos que o sujeito é formado por relações sócio efetivas que contribuem para sua formação enquanto cidadão no meio em que estão inseridos. As características culturais, regionais, religiosas familiares e práticas de trabalho para sustendo de sua família são fatores que determinam a falta de oportunidade escolar, porém mesmo com a falta de acesso a escolarização formal, os sujeitos desta pesquisa tornaram-se alvos da alfabetização social.

Mesmo com suas trajetórias de privação, sofrimento e negação os entrevistados não se vitimizam, muito pelo contrário, mostram-se fortes para enfrentar os desafios, apenas lamentam as oportunidades que foram negadas. Trazem marcas das suas trajetórias, destacam e acreditam que as lutas enfrentadas cotidianamente os tornaram fortes.

Os resultados da pesquisa revelam que o que determinou a ausência na escola foi a situação financeira vivida no momento. Precisaram sair do espaço

escolar para trabalharem desde a infância para suas próprias sobrevivências. Desde cedo tiveram que trabalhar e lhes foram negados o direito de viverem a infância no seu sentido pleno.

A pesquisa em tela apresenta denúncias e traz anúncios importantes que merecem novos estudos, uma vez que este, longe de esgotar a temática que é muito ampla, ousou tecer reflexões relevantes sobre os sentidos do apreender ler e escrever para as pessoas não alfabetizadas ou pouco escolarizadas. Assim, esta suscitou novas problematizações que poderão ser melhor discutidas e estudadas e pesquisas posteriores. Espera-se que este estudo possa contribuir para ampliação do debate sobre esta temática que é tão cara para a Pedagogia, mas sobretudo que alcance as discussões nos espaços educativos e formativos para educação de jovens, adultos e idosos

REFÊRENCIAS

- ARAUJO, Francisco. **Às 40 horas de Angicos. Angicos**, RN, 2006. Mimeografado.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Gareschi, P. A. (trad.), 7a edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BRUYNE, P. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: Os polos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- Costa, Dora Henrique; CALVÃO, Lea. **Trabalho infantil**. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- CERONI, Denise Costa. **A educação de adultos maduros e idosos: aprendizagens escolares construídas e partilhadas no Grupo Revivendo a Vida**, Porto Alegre, 2011.
- BRAGA, Giselle Maria Barbosa. **Os Professores da EJA Face Diversidade Etária Discente em Sala de Aula**. Revista Pandora Brasil - Nº 32 – Julho de 2011 Educação de Jovens e Adultos: da invisibilidade à cidadania. Disponível em: www.revistapandoradobrasil.com/revista. Acesso em 11 de abril de 2023.
- BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico**. 1940. Serviço Nacional de Recenseamento. Rio de Janeiro, 1940.
- _____. **Ministério da Educação. Portal do Ministério da Educação (MEC)** - Sítio. Disponível em: Acesso em: 28 de março de 2023.
- _____. **Ministério da Educação e Saúde. Relatório do Serviço de Educação de Adultos**; Departamento Nacional da Educação. Rio de Janeiro. 1950.
- _____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Anísio Teixeira. **Mapa do Analfabetismo no Brasil**, 2016. Disponível em: Acesso em 31 de março de 2023.
- _____. Ministério da Educação. **Resolução/CD/FNDE nº 44**, de 16 de outubro de 2008-GESTÃO DE RECURSOS NA ESCOLA.

_____. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: MEC, 1996b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 30 mar. 2023.

_____. **Plano Nacional de Educação**. Lei nº 13005/2014. Disponível em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/125099097/lei-13005-14>. Acesso em 28 de Março de 2023.

Deslandes, Suely Ferreira, **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade** Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 31. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE. P. **A importância do ato de ler: em três artigos que complementam**. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1983.

_____.P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____.P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. P. **Educação como prática da liberdade**. 13ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1982.

_____. P. (1993). **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Paz e Terra.

_____.P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. P. (1970). **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra

_____.P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,v. 2001.

GERMANO, José W. PAIVA, M. **Educação popular no Rio Grande do Norte: 1958-1960**. Secretaria de Estado da Educação da cultura e dos Desportos, Sub coordenadoria de Educação de Jovens e Adultos, Natal, n.2, p.3-16, 2006.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.14, maio/junho/agosto. 2000.

JOSSO, Marie-Christin. **A transformação de si a partir das narrações de historia de vida**. Porto Alegre: Cortes, 2007, p.413-438.

LARROSA, Jorge. **Estudar. Oficina escrita e experimentação**. DIF/Grupo de Currículo de Porto Alegre. UFRGS, 2003 [impresso].

LIMA, M. S. L. **A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. 2001. 169 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrih. **Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia Alemã em seus representantes**, Feuerbch, B. Bauer e Stiner, e do socialismo Alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Bomtempo, 2007.

MENEZES, EbenezerTakuno de. Verbete Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>>. Acesso em 17 março 2023.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Trad. Eliane Lisboa. 4º ed. Porto Alegre: Sulina 2011.

MOTA, Amália Custodio. **Projetos pedagógicos**. Jornal Mundo Jovem, nº 373, p.7, fev. 2007. Disponível em: <http://www.mundojovem.com.br/projetos-pedagogicos/projeto-projetos-e-interdisciplinaridade>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

NUNES, João Arriscado. Um discurso sobre ciências 16 anos depois. In: Santos, Boaventura de Sousa (org) **Conhecimento prudente para uma vida decente**. Porto: Afrontamento 2003. P. 55-58.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PAIVA, V. **Educação popular e educação de adultos** São Paulo: Loyola 1973. v. 1. (Temas Brasileiros, 2).

_____.V. P. **Educação Popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola,1987.

PILLETI, C. **História da educação** 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro**. 2. Ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

RUMMERT, Sonia Maria. **Jovens e adultos trabalhadores e a escola**: a riqueza de uma relação a construir. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

SCHMITZ, Egídio. **Fundamentos da Didáticas**. 7ª ed. São Leopoldo: Unisinos, 1993.

SANTOS, B.de. S. Hermenêutica diatrópica. **Pela democratização do conhecimento**. Entrevista Jurandir Malerba. Rgistro. UFOP, ano 3, N°5, mar/ago. 1996 – Caderno Especial.

SILVA, Aline Pacheco e outros. “conte-me sua história”: reflexões sobre o método de história de vida. Revista Mosaica: estudos em psicologia, I (1), Belo Horizonte: UFMG. www.fatich.ufmg.br/mosaico. Acesso em: 18 de maio de 2023.

SILVA, DICLA N; ALCANTARA, Vitória C; ELEUTERIO, Paula F. da S. **A educação de jovens e adultos e sua trajetória na SECD**. Secretaria de Estado da Educação da Cultura Desportos, Sub coordenadoria de Educação de Jovens e Adultos, Natal, n.10, p.6-12, 2006.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/ PPGEP/LED, 2000.

SILVA, Natálio Neves Da. **Educação de Jovens e Adultos**: Alguns desafios em torno do direito à educação. Artigo, 2009. Belo Horizonte. Disponível em :<www.fumec.br/universidade Fumec de Minas Gerais. Acesso em: 11 de abril de 2023.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Basicsofqualitativeresearch**: groundedtheory procedures andtechniques. Newbury Park, CA: SagePublications, 1998.

UNESCO. Recomendações da UNESCO sobre a educação de adultos. 19° sessão Geral. Nairobi, 1979.

YOUSAFZAI, M. (2013). I am Malala: The Story of the Girl Who Stood up for Wducation and Was Shot by the Taliban. Little, Brown and Company.

APÊNDICE

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Título da Pesquisa: OS SENTIDOS DA ALFABETIZAÇÃO PARA OS SUJEITOS NÃO ALFABETIZADOS OU POUCO ESCOLARIZADOS DO BAIRRO CAJUEIRO EM AMARGOSA-BA

Pesquisadora: Catarina Sampaio dos Santos

Orientadora: Professora. Dra. Maria Eurácia Barreto de Andrade

ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO (a) ENTREVISTADO (a)

Nome Fictício: _____ **Idade:** _____

Sexo: () F () M. **Estado Civil:** _____. **Tem filhos?** () sim () não. **Se sim quantos?** _____. **Profissão ou ocupação:** _____. **Tempo de experiência na escola:** _____. **Teve experiência escolar na infância?** () sim () não. **Se não por quê?**

Conhecer a trajetória de vida e escolarização dos colaboradores da pesquisa

I. DADOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA E ESCOLARIZAÇÃO

1ª - Fale um pouco sobre sua trajetória de vida. Como foi a sua infância, adolescência...

2ª - Fale um pouco sobre o seu processo de escolarização, como foi? Quais os desafios enfrentados e os motivos que impossibilitaram a sua permanência na escola na infância.

II. DADOS SOBRE OS SUJEITOS E CONTEXTOS DA EJA

3ª - Fale um pouco sobre o seu contexto de vida atual. O que você faz atualmente? Sente falta da leitura e da escrita? Se tivesse possibilidade de retornar, retornaria?

III. DADOS SOBRE A PERCEPÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA PARA A VIDA SOCIAL

4ª - Você considera o aprendizado da leitura e da escrita importante para a vida social? Por quê?

5ª - Na sua percepção, como seria sua vida se tivesse tido oportunidade de estudar desde a infância e se apropriado da leitura e da escrita? Por quê?

Agradecemos a sua contribuição à nossa pesquisa. Muito obrigada!

ANEXOS

Entrevista I



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Título da Pesquisa: OS SENTIDOS DA ALFABETIZAÇÃO PARA OS SUJEITOS NÃO ALFABETIZADOS OU POUCO ESCOLARIZADOS DO BAIRRO CAJUEIRO EM AMARGOSA-BA

Pesquisadora: Catarina Sampaio dos Santos

Orientadora: Professora Dr^a. Maria Eurácia Barreto de Andrade

ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO (a) ENTREVISTADO (a)

Nome Fictício: TERESA **Idade:** 73 anos.

Sexo: (X) F () M. **Estado Civil:** VIÚVA. **Tem filhos?** (X) sim () não. **Se sim quantos?** 6. **Profissão ou ocupação:** APOSENTADA. **Tempo de experiência na escola:**_____. **Teve experiência escolar na infância?** (X) sim () não. **Se não por quê?**

Conhecer a trajetória de vida e escolarização dos colaboradores da pesquisa

I. DADOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA E ESCOLARIZAÇÃO

1ª Fale um pouco sobre sua trajetória de vida. Como foi a sua infância, adolescência...

Eu nasci na zona rural de Amargosa. Tive uma infância simples e humilde, mas repleta de amor e muita ligação com a natureza. Cresci em uma família numerosa de 8 irmãos mais velhos, e tínhamos uma forte união. Lembro-me de

brincar ao ar livre por horas adentro, explorando as redondezas, subindo em árvores e construindo cabanas improvisadas.

Nossa casa era modesta. Meus pais trabalhavam duro para sustentar a família e nos ensinavam valores importantes, como respeito, honestidade e trabalho duro. Eu e meus irmãos aprendemos a valorizar o que tínhamos e a ser gratos pelas pequenas coisas da vida e que nos faziam felizes. À medida que cresci, virei adolescente, foi um tempo repleto de mudanças e descobertas emocionais. Pensando sobre minha vida, me sinto grata pelas experiências que tive. As lembranças da minha infância e adolescência, com muita simplicidade, amor e amizade, são tesouros preciosos. Elas me ajudaram a ter uma perspectiva de vida baseada em valores sólidos e em uma ligação com o mundo natural. Com 73 anos, olho para trás com um sorriso e uma sensação de realização. A vida trouxe suas alegrias e desafios, mas cada situação vivida contribuiu para a minha formação pessoal e enriqueceu minha trajetória de vida. Sou grata por tudo o que vivi e pelos momentos que me transformou em quem sou hoje.

2ª Fale um pouco sobre o seu processo de escolarização, como foi? Quais os desafios enfrentados e os motivos que impossibilitaram a sua permanência na escola na infância.

Na minha época, nem todos poderia estudar principalmente quem morava na zona rural onde cresci. Minha família não tinha condições financeiras e, a falta de oportunidades foi um dos principais motivos que impediu minha ida a escola durante a infância.

Quando eu era criança, havia uma necessidade de ajudar nas tarefas de casa e nas atividades da roça, era o sustento da família. Como isso não pôde frequentar a escola. A educação formal naquela época era considerada um luxo que poucos podiam desfrutar. Lembro-me de momentos em que ficava triste por não ter tempo e oportunidade para estudar. Eu tinha um desejo grande de aprender a ler e escrever e aumentar meus conhecimentos, mas as circunstâncias da vida limitavam minha capacidade de fazer isso. Mesmo com esses desafios, tive a sorte de receber alguns níveis de instrução básica, sempre buscava conhecimento por conta própria. Minha

educação formal possa não ter sido como eu desejava, eu nunca deixei de buscar conhecimento e crescimento pessoal ao longo da vida. Apesar dos obstáculos enfrentados, busquei oportunidades de aprendizado nas diferentes experiências da vida e continuei a valorizar a educação como algo de muita importância para o desenvolvimento do ser humano.

II. DADOS SOBRE OS SUJEITOS E CONTEXTOS DA EJA

3ª Fale um pouco sobre o seu contexto de vida atual. O que você faz atualmente? Sente falta da leitura e da escrita? Se tivesse possibilidade de retornar, retornaria?

Hoje em dia, tenho uma vida tranquila e simples. Apesar de não ter tido uma educação formal, procurei sempre me envolver em atividades que me trazem satisfação e me permitem continuar aprendendo, crescendo e valorizando o conhecimento adquirido através da experiência de vida e das ligações com as pessoas ao meu redor.

Mesmo sem uma educação formal, tentei compensar essa falta de outras maneiras. Sempre me mantive informada sobre as coisas do mundo através da televisão, rádio e conversas com amigos e parentes. Acompanho as notícias e tento andar por dentro dos acontecimentos. A leitura e a escrita, sempre foi importante para mim, mesmo que eu não tenha tido a oportunidade de aperfeiçoar. A leitura ainda é um grande desafio pra mim com a idade avançada, tenho muitas dificuldades de decorar algumas letras e isso às vezes atrapalha a minha leitura, a porta da oportunidade que tanto desejei só veio ser aberta quando eu não tinha mais esperanças. E com as limitações do corpo pela idade, fica mais difícil ainda.

A minha escrita, apesar de não ter tido a chance de aprimorar, ainda encontro maneiras de mostrar meus pensamentos pelas palavras. De vez enquanto, escrevo pequenas anotações ou cartinhas para familiares. Apesar de não ter uma escrita tão boa e não saber fazer um texto normal, a escrita continua sendo uma forma pessoal e uma maneira de me comunicar com minhas ideias. Acredito que nunca é tarde para aprender e ter novos conhecimentos. Mas também entendo que cada fase da vida tem suas próprias limitações e responsabilidades, e é importante fazer o melhor

com o que temos ao nosso favor. Não fico me lamentando porque não pude alcançar a educação formal, prefiro valorizar as oportunidades que tive e as habilidades que construí ao longo dos anos. Sempre procuro aprender e crescer, aproveitando as oportunidades e os aprendizados que surgem em meu caminho.

Eu aprendi que o conhecimento não é só apenas pelos estudos formais, mas pode ser conquistado de muitas maneiras diferentes. Valorizo muito as experiências de vida, as histórias divididas por pessoas mais jovens e mais velhas, e o poder de aprender uns com os outros. Mesmo sem a educação formal completa, sinto que a minha vida ainda é rica em conhecimentos e de aprendizado todos os dias.

III. DADOS SOBRE A PERCEPÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA PARA A VIDA SOCIAL

4ª Você considera o aprendizado da leitura e da escrita importante para a vida social? Por quê?

Sim considero o aprendizado da leitura e da escrita muito importante para a vida. Essas habilidades são muito importantes para se comunicar, para participar ativamente da sociedade, tomar decisões sem precisar da ajuda de outras pessoas e buscar o crescimento pessoal. Com todos os desafios em não ter completado meus estudos fundamentais, valorizo muito a importância da leitura e da escrita e tento aproveitar as oportunidades para continuar aprendendo ao longo da vida.

5º - Na sua percepção, como seria sua vida se tivesse tido oportunidade de estudar desde a infância e se apropriado da leitura e da escrita? Por quê?

Acredito que minha vida teria sido enriquecida de várias maneiras.

A leitura teria expandido meus horizontes, me permitindo ter um conhecimento melhor do mundo. Eu teria lido vários livros de romance e de receitas.

A escrita teria me dado a oportunidade de me expressar de forma pessoal e criativa. Eu poderia ter mostrado minhas ideias, experiências e histórias pela escrita. Ela também teria me permitido organizar meus pensamentos de maneira mais clara.

Eu poderia ter seguido alguma carreira, como ser professora que na minha época todas as meninas queriam se formar em magistério pra da aula, ou qualquer outra carreira de meu interesse. Sem contar que com as experiências eu ia saber fazer contas mais difícil de cabeça, mais apesar das oportunidades perdidas, cada caminho de vida traz consigo as próprias experiências e aprendizados valiosos. Mesmo sem eu ter uma educação formal completa, ganhei conhecimentos e sabedorias com as experiências vividas, das pessoas que conheci e das lições aprendidas ao longo dos anos. Eu posso imaginar como minha vida teria sido diferente com uma educação mais completa, valorizo e guardo as experiências e conhecimentos que aprendi em minha trajetória.

Agradecemos a sua contribuição à nossa pesquisa. Muito obrigada!

Entrevista II



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Título da Pesquisa: OS SENTIDOS DA ALFABETIZAÇÃO PARA OS SUJEITOS NÃO ALFABETIZADOS OU POUCO ESCOLARIZADOS DO BAIRRO CAJUEIRO EM AMARGOSA-BA

Pesquisadora: Catarina Sampaio dos Santos

Orientadora: Prof.^a. Dra. Maria Eurácia Barreto de Andrade

ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO (a) ENTREVISTADO (a)

Nome Fictício: ANDERSON **Idade:** 25 anos.

Sexo: () F (X) M. **Estado Civil:** SOLTEIRO. **Tem filhos?** (X) sim () não. **Se sim quantos?** 1. **Profissão ou ocupação:** MOTORISTA. **Tempo de experiência na escola:**_____. **Teve experiência escolar na infância** (X) sim () não. **Se não por quê?**

Conhecer a trajetória de vida e escolarização dos colaboradores da pesquisa

I. DADOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA E ESCOLARIZAÇÃO

1ª - Fale um pouco sobre sua trajetória de vida. Como foi a sua infância, adolescência.

Bem, minha vida não foi tão boa assim perdi minha mãe cedo e fiquei morando com minha avó no distrito de Itachama município de Amargosa, ate que ela também se foi então, vim para a cidade de Amargosa morar com meu pai e minha madrasta onde fui bem recebido. Não tive infância como hoje vejo as crianças

brincarem, e na adolescência já trabalhava para não dar pra ruim, assim dizia meu pai. Aos 16 anos comecei como ajudante de caminhoneiro e coloquei na mente que queira ser motorista por se simpatizar com a profissão.

2ª - Fale um pouco sobre o seu processo de escolarização, como foi? Quais os desafios enfrentados e os motivos que impossibilitaram a sua permanência na escola na infância.

Meu processo de escolarização foi muito pouco ia pra escola mais para brincar, porque não tive liberdade em casa, sempre via as crianças de minha rua correrem na chuva, brincar de pega-pega entre outras brincadeiras, mas eu tinha que trabalhar. Aprendi o suficiente para saber viver na vida. O maior desafio era matemática, que me deixava com dor de cabeça, as outras matérias apesar das dificuldades dava pra encarar.

Então tive que parar de estudar porque não podia trabalhar e estudar ao mesmo tempo, pois viajava muito como ajudante de caminhoneiro com meu pai, dos seis filhos de pai eu era o único homem e tinha. Até que me tornei motorista, por isso tive que abandonar meus estudos na 6ª série e nessas viagens de trabalho, conheci minha companheira onde temos um filho e assim tive que trabalhar dobrado para da ao meu filho o que eu não tive lá atrás.

II. DADOS SOBRE OS SUJEITOS E CONTEXTOS DA EJA

3ª - Fale um pouco sobre o seu contexto de vida atual. O que você faz atualmente? Sente falta da leitura e da escrita? Se tivesse possibilidade de retornar, retornaria?

Atualmente sou uma pessoa que trabalha muito e gosto do que faço, sou motorista e gosto muito da minha profissão, faço meus fretes e ainda ajudo meu pai com seu trabalho na roça de matar porco e todo final de semana levo ele ao nosso sítio que fica na zona rural de Itachama. Mas sinto muita falta da escola e gostaria de aprender mais a ler e escrever, e com as experiências de vida que tenho a leitura

e a escrita é muito importante na vida de uma pessoa. Pois eu bem sei que a falta que um bom estudo faz diferença na vida de uma pessoa.

III. DADOS SOBRE A PERCEPÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA PARA A VIDA SOCIAL

4ª - Você considera o aprendizado da leitura e da escrita importante para a vida social? Por quê?

Sim, porque muitas vezes a gente se sente discriminado e inferior as outras pessoas por não ter continuado na escola e saber falar igualmente a eles. O aprendizado da leitura e da escrita é importante para a vida de todo mundo, independentemente da idade, da condição que a pessoa tem ou da situação escolar. Eu entendo que nem todos têm a oportunidade de ter uma educação regular, aprender a ler e escrever também nos ajuda a lutar e correr atrás dos nossos direitos e tomar nossas próprias decisões. Quando a gente não tem essas habilidades, nos sentimos limitados em nossa capacidade de agir e participar da sociedade, e é importante saber que nunca é tarde para aprender.

5º - Na sua percepção, como seria sua vida se tivesse tido oportunidade de estudar desde a infância e se apropriado da leitura e da escrita? Por quê?

Talvez tivesse sido melhor, eu poderia ter tido outra profissão menos arriscada, porque vida de motorista é difícil e perigosa. A gente sai de casa e nunca sabe se volta, por mais que a gente seja prudente sempre existe aquele imprudente que atravessa nosso caminho sem contar com os roubos que acontecem nas estradas a fora. Além do mais a leitura e a escrita ia me proporcionar melhores oportunidades de vida. Eu teria frequentado a escola, onde poderia aprender sobre uma variedade de coisas. Através do aprendizado da leitura e a escrita, eu teria a capacidade de me comunicar com os outros de maneira mais fácil.

Eu teria um desenvolvimento pessoal e mais amplo, com conhecimentos diversos e uma compreensão melhor do mundo.

Agradecemos a sua contribuição à nossa pesquisa. Muito obrigada!